

# Da vinha e do Vinho







Câmara Municipal  
Presidente  
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos  
Vereadora da Cultura  
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense  
Responsável  
António Manuel Pires Cabral

Título: *Da vinha e do vinho*  
Autor: A. M. Pires Cabral (org.)  
Capa de João Estrócio  
Colecção *Tellus*, n.º 33  
Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**  
gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt  
Vila Real, Outubro de 2016  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 415270/16  
Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

# Da vinha e do vinho

Colecção *Tellus*  
Câmara Municipal de Vila Real





## *Palavras prévias*

*Vila Real é em 2016 Capital da Cultura do Eixo Atlântico.*

*Ora, não é por acaso que no logotipo respectivo figura um cálice de vinho. Acertadamente: que outro elemento cultural — ninguém decerto negará que o vinho é em si mesmo cultura — podia representar melhor a nossa cidade, que a ele deve tanta da sua prosperidade e do seu prestígio?*

*Entendeu-se por isso que parte significativa dos eventos constantes do programa do certame devia decorrer sob o signo do vinho.*

*Correspondendo gostosamente a esse entendimento, o Grémio Literário Vila-Realense decidiu dedicar um número da sua Colecção Tellus — o n.º 33, mais exactamente — à temática do vinho. Entenda-se: não apenas o vinho que enche o nosso copo e alegra o nosso espírito, mas o vinho enquanto universo — um universo que tem a sua origem mais remota no arroteamento das terras e no plantio das cepas e a sua apoteose alquímica na degustação e no prazer. De facto, o vinho é um prazer, mas um prazer arduamente conquistado. Exige toda uma odisseia de suor, algumas vezes de lágrimas e não poucas vezes de sangue também. Quem toma um trago de vinho nem sempre tem presentes os sofrimentos que lhe estão a montante.*

*São esses os dois pólos do vinho: o como e o quê. Como se obtém e o que proporciona. Uma antologia sobre o vinho teria sempre de contemplar esses dois momentos, o fazer e o beber. Por isso, achámos oportuno distribuir os textos seleccionados por duas grandes secções.*

*À primeira demos o título de Labor improbus. Fomos buscá-lo às Geórgicas de Virgílio. É o primeiro termo de uma frase, quase*

*um aforismo, que significa que o trabalho duro tudo vence, labor improbus omnia vincit. Esta secção acolhe textos reportados a diversas fases do cultivo da vinha e da fabricação do vinho. Do calvário da surriba, quantas vezes a poder de enxada, aos fagueiros cansaços da vindima e da lagarada. De permeio, toda uma roda de trabalhos e todo um catálogo de adversidades com que o lavrador tem de se haver: os caprichos do tempo, as moléstias da vide, a exploração por terceiros do seu trabalho.*

*À segunda demos o título de Nunc est bibendum. Esta frase, mais voluptuosa e sugestiva, foi-nos oferecida por Horácio, o poeta das Odes. Agora é tempo de libações, queria Horácio dizer. É certo que se referia à vitória de Octaviano sobre Marco António no promontório de Actium. Mas não limitemos o vinho às grandes celebrações. Depois de toda a via-sacra de sofrimento do labor improbus, o vinho está finalmente nas vasilhas, cheiroso e apelativo: esqueçamos os trabalhos que a ele nos conduziram, bebamo-lo e alegremo-nos nele.*

*Temos consciência de que muitos outros textos de muitos outros escritores podiam ter sido seleccionados (e de que também se pode questionar a oportunidade de algumas escolhas). Mas também temos consciência de que, sendo qualquer antologia por definição um conjunto de opções pessoais de quem a leva a cabo, não há aí antologia que responda às expectativas de todos e que não decepcione alguns. Não há que fugir disto: seleccionar tem como antipática contrapartida eliminar.*

*Ao oferecer este trabalho ao juízo público, digamos, tal como o lavrador diz do vinho que serve em sua casa aos seus amigos: — Foi o que a cepa deu.*

Labor improbus



## [O corte]

(...) Como do costume, ao amanhecer lá estava ele à entrada da portaria da Quinta, para assistir à alvorada dos trabalhadores. Estes vinham chegando vagarosamente, a enxada ao ombro, a saca de chita com o pão, ao lado da enxada, o ar indiferente.

Dirigem-se para o *corte*, onde deixaram na véspera a cava. Dispõem-se em linha uns ao lado dos outros, vozeando, algum mordendo o pão escuro, uma miola entre as mãos enormes. É uma linha de camisas remendadas vinte vezes e de ferros luzentes. As sacas do pão e os casacos ficam pendurados à entrada do corte, nas madeiras da levanta e nos galhos de alguma árvore vizinha.

O da extrema esquerda — o Rei — comanda e inicia o trabalho dizendo alto:

— Deus nos ajude!

A fila responde em vozes variadas:

— Deus nos ajude!

As enxadas mergulham o aço limpo na terra escura, em ruídos secos, esticadas por músculos endurecidos, que as arrancam, arremessando para trás as leivas voltadas. Reluzem no ar para mergulharem de novo na terra. A linha anima-se de movimentos, de palavras e de cores; a terra associa-se aos trabalhadores com os seus gemidos de carne rota e remexida pelo ferro largo. Na Quinta Quente, os primeiros raios de sol são uma golfada de oiro e, logo que ele aparece escorrendo das alturas, o Rei disse:

— Louvado seja Deus!

Faz-se o silêncio. Há um momento religioso e solene em que os homens erguem a cabeça ao alto e se dão conta da sua dependência do infinito. Tiram os chapéus e vão repetindo:

— Para sempre seja louvado! Louvado seja!

Com o sol o trabalho anima, principia a caldear os ferros, a terra e os músculos. Conversam e um ou outro lá atira um dichote para todos.

Quando o Joaquim apitou para o almoço, já o suor escorria das frentes e alastrava em largas manchas nas camisas de farrapos. Deixam a enxada no corte, batem os socos um no outro para sacudir a terra que se tinha acumulado, e procuram uma sombra onde se abriguem. Começa o almoço: o caseiro com uma enorme folha de caldo sobre a mão vai distribuindo a cada um uma sardinha salgada assada nas brasas, sardinha a que a folha tinha conservado uma vaga frescura. Com o polegar cheio de terra seguram a sardinha sobre um pedaço de broa e vão comendo vagarosamente como se saboreassem um manjar extraordinário, bocadinhos de sardinha e pedacinhos de broa. Os condenados a trabalhos forçados têm melhor almoço na Guiana. Lá vem a medida do vinho; o caseiro de folheta em punho vai distribuindo. Limpam a boca às costas da mão e bebem de um trago a ração que lhes coube. Ouve-se de novo o apito e de novo o corte se enche de gente. De novo as frentes se curvam sobre a terra, de novo esta começa a sua litania, de novo os aços erguidos ao alto relampejam cadenciadamente, monotonamente, revolvendo a terra. Como o trabalho pesa, todos se calam entregues à sua faina. O feitor vigia que algum não vá ficando para trás e o corte não mantenha o seu alinhamento. Depois, ninguém quer ficar para trás — era uma desonra. O sol aperta, dardejando impassível e inocente a força dos seus raios. Alagam os estômagos de água e continuam. As manchas de suor dos farrapos das camisas enodoam-se de pó, respira-se terra e é aflitivo o arquejar de alguns que, com fome, erguem sempre, como se fora pela última vez, a lâmina de aço ao alto e a cravam na terra. As videiras vivem, mas eles morrem. O sol queima e a terra sufoca.

Pina de Morais, *Sangue Plebeu*. Porto: Marânus, 1942, pp. 86-89.

## [A enxertia]

Vai descendo sempre, pelas escaleiras abertas na aprumada dos socalcos. Abeira-se dos enxertadores, que, de cócoras, acolitados pelos «aconchegadores», fazem a enxertia dos bacelos americanos, plantados no ano do primeiro arroteamento, com prumas de castas patricias.

— Acho que deixamos muito p'rò tarde a enxertia destes postos...  
— diz Diogo a um dos enxertadores.

— Agora é que está certo — afirma a sabedoria do prático. — Se não tenho sangrado estes cavalos na semana passada, p'ròs enxertar agora, a força da seiva «afogava» as prumas...

E entalando a «pruma» de sangue heráldico na fenda do «cavalo» de origem burguesa, casa-os, vincula-os para sempre, cingindo-os no aperto da ráfia — o «aconchegador», logo, tal qual aio diligente aos cuidados dos seus meninos, a chegar ao enxerto a terra fofa, previamente revolvida pelos cavadores, para que nem vento nem chuva desquitem os bem casados.

— Estes enxertos são de «gouveio», ou de «mourisca»? — indaga.

— Os deste calço são todos de «donzelinho do castelo» e «malvasia rei». Os do calço de baixo, do meu colega, é que são de «mourisca», «gouveio» e «tinta roriz».

Cala-se, a admirar a perícia do casamenteiro na celebração das bodas promissoras — o ouvido atento ao baque das marras nos «guilhos» que estilhaçam a pedra, na *Quinta da Valeira*, a «ranchada» de galegos procedendo à surriba do solo áspero reconquistado à vinha morta.

## A videira

A videira trata-se com o melhor tempo das mãos:  
Não vá o mosto perder o comboio do sol.

E, quando a boca de Março atrai as borboletas,  
a videira sabe então que ainda é mulher.

António Cabral, *Novos poemas durienses*. Vila Real, 1993, p. 17.

## Cantemos este dia de trabalho

Cantemos este dia de trabalho  
e tudo o que faz parte  
do seu harmonioso

corpo crepitante.

Cantemos os homens em mangas de camisa  
pulverizando longas filas de videiras;  
a chapa metálica dos pulverizadores  
reluzindo, reluzindo,  
e o jacto de água semelhante a uma palavra amiga.  
Cantemos o suor que nasce dos músculos,  
sob o peso do sol,

da raiva e da esperança.

Cantemos a esperança, amigos,  
cantemos a esperança!

Cantemos aquele tractor resfolegante,  
cérebro de aço, viril canção,  
arrancando e estilizando o fraguado  
onde verdejará a vinha de amanhã.

Cantemos a nuvem de poeira  
que submerge o motorista e os britadores  
contorcidos, exaustos de fadiga.

Cantemos a fadiga,

cantemo-la como um deserto  
povoado de próximos e irresistíveis oásis.

Ah cantemos este dia

e o que faz parte deste dia:

a curva do rio, o amor,  
a rapariga que vai à fonte,

os homens que redram em silêncio  
e os homens que cantam, apesar de tudo.

Homens e mulheres

— todos

os que trabalham e triunfam da morte.

António Cabral, *Poemas durienses*. Vila Real, 1963, pp. 54-55.

## As cavas

Em Poiares da Régua — em geral, no Douro — fazem-se as cavas da vinha em Abril e Maio. Em Abril, a vinha é melhor de cavar. Diz o cavador:

*Abril, cavar e rir.*

Em Maio, a cava é trabalho duro.

*Maio, cava de raio.*

Ao proprietário, porém, convém-lhe cavar tarde.

*Cava tarde e redra cedo, da vinha velha farás bacelo.*

O trabalho da cava faz-se com enxadas de grandes bicos e cabo curto, o que permite cavar fundo, *alancar* pesados *terrões*.

Os cavadores atacam o terreno dispostos em fila ou cordão a que chamam o *corte*. O cavador da ponta direita do *corte* intitula-se Rei. O da ponta esquerda é a Rainha. Chegante ao Rei, o *braçal* do Rei. Chegante à Rainha, o *braçal* da Rainha.

Nas cavas, quem *dá o Cristo* é o Rei. *Dar o Cristo* é dizer assim:

*Loubado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!*

O Rei dá o Cristo no fim dos comeres, para o trabalho recomeçar, e dá o Cristo no fim do dia, de mando do feitor ou do patrão, para o pessoal *despegar*.

Durante o dia de cava, o trabalho afroixa de vez em quando para o trabalhador beber água-pé.

Berra um assim:

Bêêêêêêêêêê.....ba.....se!

Ao que os outros respondem:

Bãããããããããã...nhã (venha).

Brados que reboam nas quebradas. Então o rapaz do *pipo* ou o feitor ou o dono da vinha aproxima de cada boca, ao longo do *corte*, o pipo da água-pé.

No fim do jantar — tigela de caldo e tigela de arroz —, proclama  
o Rei:

*Comam e bebam*

*E atem os panos.*

*Corram as mãos pelos canos,*

*Fumem e bamos.*

... ..

*Loubado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!*

João de Araújo Correia, *Três meses de inferno*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, pp. 55-56.

## [A poda]

Nevoeiro, frio e humidade castigavam a terra. Janeiro continuava carrancudo e furioso. No meio da vinha, os homens, com seus fracos agasalhos, lembravam manipansos cercados por muralha de neblina. Via-se, ali próximo, o caminho, mas os olhos não conseguiam ir muito mais além. Do souto da Portela nem um único castanheiro se descobria; do pinhal do Mourinho, também nada se enxergava; e, da matriz de Loureiro, à esquerda, mal se adivinhava o campanário por detrás daquela fumaceira alvacenta. Simão Arruda, enregelado, quase não sentia os dedos. E, como a tesoura lhe caísse pela terceira vez, nessa manhã, rosou uma obscenidade. Baixou-se à sobreposse, parecendo-lhe que levava tempo imenso a apanhar o instrumento de trabalho. Filou-o de repelão, arrancando também um bocado de terra peganhenta, enquanto do chapéu lhe escorriam pingos de água, salpicando-lhe a cara. Tinha as mãos geladas, o corpo quase empedernido e os beiços exangues. Os pés, fechados em grossos meiotos de lã, pareciam mergulhados em neve; e, de quando em quando, os socos ameaçavam desaparecer na terra mole e pegadiça. Limpou depois a mão à calça, prosseguindo na obrigação. Arqueado para a videira, tesourava aqui e ali, encurtando as vergôntes conforme a ciência da poda mandava. Mais nove podadores, a seu lado, entregavam-se, igualmente, àquela tarefa cirúrgica de amputar as hastes cansadas das cepas, para que o revigoramento se desse e a floração viesse na época própria.

Guedes de Amorim, “A esmola”, in *Caminhos fechados*. Lisboa: Edições SIT, 1952, pp. 27-28.

## As vindimas

Que lindo tempo, o tempo das vindimas!  
Quanta alegria e quanta agitação!...  
Os cachos d'uvas aos montões, em rimas  
Bem menos pobres do que as minhas são.

P'los verdes campos, que em redor diviso,  
Cantando as raparigas e as crianças,  
Sob um sol d'oiro, como o seu sorriso,  
Cortam os cachos cor das suas tranças.

Na voz daquela as inflexões mais ternas,  
No rosto desta a expressão mais calma,  
As saias curtas mostram-lhes as pernas,  
Os lindos olhos mostram-lhes a alma.

E os seus vestidos duma cor berrante,  
Vermelhos, roxos, verdes, amarelos,  
Dão, ao longe, uma mancha extravagante,  
Sempre agitada, como os seus cabelos.

Corpos curvados sob o sol ardente  
E as almas, como o corpo, em pleno dia,  
Dos trabalhos do campo, este é somente  
Aquele que se faz com alegria.

Ninguém tem fome. Deus é uma certeza!  
Vão-se as penas que a todos nos consomem;  
O céu azul sorri à natureza,  
Sorri-se a natureza para o homem...

Na casa, ao alto, dominando a vinha,  
Abre o lagar as portas gloriosas,  
Sob uma alegre e fresca varandinha  
Por onde sobem perfumadas rosas.

E no grande armazém todo caiado,  
Como oferta de Baco aos seus fiéis,  
Vêem-se em linha, dum e doutro lado,  
As carcaças bojudas dos tonéis.

Rapazes fortes vão saindo em bando,  
Cestos vazios, com cansados gestos,  
Enquanto, em fila, os outros vão entrando,  
E despejando no lagar os cestos.

Das uvas, sobe um hálito fragrante...  
E ensinam-me os seus nomes musicais:  
Moscatel, malvasia e alicante,  
Ferral, alvarelhão e quantos mais!

Tornam-se a ouvir, de novo, as raparigas,  
Por entre os bardos, onde a vista espalho,  
Cantando em coro as cândidas cantigas  
Com que o povo alivia o seu trabalho.

E a cada canto nosso, outro responde  
Da estrada, agora e logo, ao som de palmas,  
Dos que voltam ou vão não sei p'ra onde,  
Fazer vindimas e encantar as almas.

Quando se põe o sol, tudo repousa;  
E solitário todo o campo agora,  
Depois da ceia, os homens vão p'ra a pausa,  
Pisar as uvas pela noite fora.

Parte um sinal; dá palmas a assistência  
E os lagareiros, numa arremetida,  
Põem-se a esmagar os cachos, em cadência,  
De braço dado, como vão na vida.

Que gritos, que efusões, que borborinho,  
À débil luz das pálidas candeias!...  
Dir-se-ia que, em vez de sangue, é o vinho  
Que já lhes corre pelas largas veias.

Mas, de repente, acaba-se a algazarra:  
E, d'entre um grupo, canta um rapaz novo,  
Com muitos ais, ao som duma guitarra,  
As lindas quadras, que só tem o povo.

Da colheita passada, em grandes jarros,  
Passa, de mão em mão, o vinho em roda;  
Aos que trabalham, dão-se-lhes cigarros,  
E dança, em torno, aquela gente toda.

A festa acaba à meia-noite em ponto;  
Nos outros dias voltam ao lagar,  
Até que, finalmente o vinho pronto,  
Ele entra nas vasilhas a cantar.

E colhido por tanta moça linda,  
E por tanto rapaz forte e perfeito,  
Ele conserva nos tonéis ainda  
Toda a satisfação com que foi feito.

Fausto Guedes Teixeira, *O meu livro — 2.<sup>a</sup> Parte*. Edição definitiva. Porto: Edições Marânus, 1941, pp. 136-139.

## [Vindima]

A via segue ao longo da cumiada, borda o limite da Quinta do Pinheiro. Acompanha-a a orla de oliveiras, de formação irregular; constitui defesa uma sebe de silvas e de arame farpado, coberta de poeira que o verão ali acumulou.

Quando Paulo empurrou o portãozinho, já o sol ia tombando para as bandas do Marão. Devagar, caminhou pelo carreiro, seguindo entre bardos vindimados. Por momentos, parou. Ouviam-se ruídos de batuque, marcando com monotonia o ritmo duma dança. Olhou para a estrada. Uma roga que chegava, na hora já tardia. Vinham de longe, tinham percorrido nesse dia meia dúzia de léguas, a partir duma aldeia, para lá das serras. À frente, os moços saracoteavam-se numa dança selvagem, aos requebros, aos pulos, braços no ar, sustendo os varapaus de lódão. As raparigas vinham, como eles, nessa dança contínua, obedecendo ao ritual de festas medievais; sobre as suas cabeças, os chales dobrados, as cestas contendo o pão e as chinelas, mantinham-se por prodígios de equilíbrio. E atrás do cortejo, o bombo, o harmónio, ferrinhos, cavaquinho, forneciam os sons rudimentares, bastantes para manter a alegria no ruidoso bando.

Paulo sorriu. Apreciara sempre a alegria dos simples. Sacudiu dos olhos a poeira que a roga levantara; e logo reentrado em seus cuidados, voltou a caminhar.

Quando a vinha começa a inclinar-se, traçada na encosta em íngreme declive, tem o carreiro de rodear uma figueira velha. Quantos anos terá? Ainda o Paulo era pequenino, já os três partiam de casa ao desafio, pelo nascer do sol, a ver quem chegava primeiro até ali, colher os figos brancos, tão docinhos, que pareciam mel. O Manuel, mais lesto, desprezava o caminho que em curvas mal

traçadas serpenteava pelo outeiro acima; metia pelo denso canavial, subia pelos calços que ao lado se alinhavam desenhando escadaria de gigantes; e atingindo a figueira, celebrava a vitória alvejando os dois concorrentes retardados, com os frutos tombados pela noite. A gula, razão habitual de tantas lutas, era entre eles o factor da paz. Abertos pelo meio, ia um figo de cada vez, e os dedos ficavam pegadiços como se os mergulhassem num xarope. Pertencera ao Paulo este terreno onde a velha figueira se expandia, roçando pelo chão a copa espessa. E ele criara o hábito de se acolher a ela, à sua sombra amiga, quando, vindo dos lados da estrada que corria no alto, podia retardar-se uns quartos de hora no regresso a casa. De tantas vezes vir ali deitar-se, havia já no chão a forma do seu corpo. Ilusões, esperanças, amarguras, tudo a velha figueira contaria, se soubesse falar.

E assim, naquela tarde que corria já próximo do fim, ele buscou ali o seu sossego, encostado ao tronco irregular.

Estava à sua frente o enorme anfiteatro das vinhas durienses. Nos degraus desse circo montanhoso, celebrava-se o final das lutas desse ano, no alegre desenrolar da faina vindimária. As folhas das videiras, roxas, amarelas, verdes, tons variados de diversas castas, constituíam tapetes matizados, forrando a parte baixa das montanhas. O sol, ao despedir-se, reflectia fulgores de caprichosos cambiantes. Ao longe serranias pardacentas, fragas selvagens e inacessíveis, desenhavam rendados horizontes; montanhas de protecção emoldurando a região vinhateira, o seu solo escaldado, condenado a perpétua esterilidade, forma na sua rudeza um contraste brutal com o viço abençoado dessas terras, produtoras do melhor vinho do mundo.

Paulo, ali nascido, ali criado, nunca podia olhar tal panorama sem se quedar, em admiração extática. As vinhas, no outono, apresentavam-lhe imagens de divino encantamento. Detinha-se a razão; ficava absorto, fascinado pela beleza da paisagem onde

sempre encontrava um pormenor inédito, que despertava emoção e assombro.

Nesse dia, como de regra, a colheita da uva decorria animada. Raparigas alegres, entre os bardos, lenços garridos, blusas coloridas, faziam ecoar naqueles vales as vozes cristalinas. E os homens, em fila indiana, desciam as estreitas escadinhas, de parede em parede, marchavam pelas íngremes veredas, o tronco inclinado, sustentando nos ombros vigorosos aqueles cestos de cinco arrobas que tinham de levar para os lagares. Por todas as encostas se distinguiam essas colunas velozes de formigas. À frente os rogadores amparando a marcha aos sólidos cajados, vigiavam o trabalho, regulavam as pousas. [...]

Mário Bernardes Pereira, *Escravidão*. Porto: Tipografia Gonçalves e Nogueira, 1942, pp. 33-36.

## A vindima

Ao cabo de quatro dias de vindima na Arrueda, o cheiro do mosto embebedava os sentidos. E à noite, na cardenha, o Vitorino, com a namorada ali quase à mão de semear, não parava sobre a palha centeia, o colchão de todos. Era um rolar sem tino para um lado para o outro, que metia aflição.

— Tu que tens? — perguntava-lhe o Rasga, farto de conhecer a causa do formigueiro.

— Nada... — e continuava a mexer-se, cada vez mais insofrido.

Como troncos derrubados, os restantes homens da roga jaziam estendidos e adormecidos no chão. Apenas os dois amigos velavam, a vigiar-se mutuamente.

— Vou até lá fora — disse por fim o Vitorino, sem poder mais. — Não me apetece dormir...

E saiu.

Pé ante pé, o Rasga foi-lhe no encalço. E o que havia de ver?... Um noivado ao luar, com a terra empapada de doçura a servir de lençol.

Passou a mão pelo restolho da barba, numa melancolia de faminto sem pão, e deixou os felizardos na paz do Senhor. Quando de madrugada o outro voltou à cama, só lhe disse:

— Valha-te Deus, homem! E agora?

— Agora caso com ela, pois então! Isto nem tira nem põe. O que se há-de fazer ao tarde...

Pela manhã a vindima continuou. Orvalhados, os bardos de moscatel eram polípeiros de olhos irónicos e coniventes. E a Lúcia, sumida no entrançado de vides e de folhas, enquanto cegava aquelas pupilas abelhudas, parecia um rouxinol:

*Eu já vi a Tiraninha  
A beber numa cabaça,  
Olha a raça da Tirana  
Que até no beber tem graça.*

Ninguém lhe levava a palma. Desde a saída de Lamares que não se calara mais. À frente da estúrdia, de xaile à cabeça e cesta no braço, atirava com a voz bonita pelos montes a cabo, que nem o pai, no Maio, a semear milhão. O harmónio repenicava-se todo em redor dela. Os ferrinhos a dizerem que sim, que sim. E o bombo, apesar da tristeza a que a pele de cabra o condenava, a fazer quanto podia para dar também um ar da sua graça...

A lama de cinco meses de inverno, que a primavera apenas endurecera, era agora uma camada de poeira fofa pelo caminho além, a escaldar. O sol, depois de empassar as uvas, queria empassar a terra. Invulnerável, porém, o raio da rapariga rompia por ali adiante, com asas nos pés. E, mal o Doiro apareceu lá em baixo, ao fundo, como uma veia aberta a escoar-se morosamente do corpo ciclópico dos montes, atirou logo:

*Foi no Pinhão...  
Ia a vindimar um cacho,  
Vindimei-te o coração.*

Tinham findado de todo os horizontes largos do planalto, onde a alma corre de fraga em fraga, sempre à vista do céu. Encostas negras, em escada, cobertas de estevas ou eriçadas de zimbro, faziam tudo para entristecer quem lhes passava ao pé. À esquerda, um despenhadeiro de meter medo; à direita, uma penedia por ali acima, que só de vê-la faltava a respiração; ao longe, mortórios escavados e desiludidos. Mas o grande rio doirado, que a luz da tarde transformara numa barra cintilante, chamava a si toda a atenção dos olhos, e a paisagem emergia

do abismo engrandecida e transfigurada.

Ou porque trazia dentro o fogo da paixão a aquecê-la, ou inspirada pela beleza do cenário, a Lúcia punha o coração a voar:

*À oliveira da serra  
O vento leva a flor...*

Só mesmo por alturas de S. Cristóvão é que esmoreceu. Ao passar diante do cemitério apleado como uma galera de morte no mar verde dos vinhedos, uma tristeza súbita calou-a. Obra dum suspiro, apenas. Daí a nada arrebitou outra vez, e, ao chegar à Arrueda, levava tudo adiante.

*Ó Rita, arredonda a saia,  
Ó Rita, arredonda-a bem...*

Nem a cara seca e vermelha do Sr. Berkeley, o patrão, lhe meteu medo. Enquanto os mais, num respeito de escravos, se descobriam ou cumprimentavam aquele símbolo do trabalho e dos ganhos na Ribeira, continuou a cantar como se nada fosse, e à noite, ao deitar, ainda trauteava uma moda.

Foi a Guilhermina, já enfasiada, que a mandou calar.

— Não estás farta, mulher?!

Riu-se e continuou na dela. E agora, ao cabo de quatro dias de azáfama, tinha ainda a voz fresca como uma alface. E com segundas...

*Eu hei-de te amar, Tirana,  
Eu hei-de te amar, eu hei...  
Eu hei-de te amar, Tirana,  
Duma maneira que eu sei...*

Os dois rapazes riram-se, num mútuo entendimento da significação oculta da cantiga. Depois, maldoso, o Rasga comentou:

— O que vale é que a Tirana tem as costas largas...

Ergueu o vindimeiro, ajeitou-o na troixa e foi juntar-se aos outros companheiros, enquanto o Vitorino ficou a olhar com ternura a rapariga, bem feita, desembaraçada, certamente fecundada já pelo seu amor.

Dispersa pela encosta, a roga mais parecia festejar um deus generoso e pagão do que trabalhar. Os geios eram degraus do Olimpo onde crescia e se colhia o espírito celeste. Cada canção — um hino de louvor. E os cestos acogulados, que desciam a escadaria de xisto aos ombros dos fiéis devotos, numa fila indiana, sonora e ritual — a dádiva desse amantíssimo Senhor, que só pedia contentamento em troca dos seus frutos.

Dir-se-ia que tudo naquele paraíso suspenso se movimentava lúdica e religiosamente. Nenhuma mágoa, nenhum ódio, nenhuma desconfiança do futuro. Alegre, a alma de cada romeiro entregava-se pressurosamente ao esquecimento colectivo que alijara do mundo as misérias e os desenganos. O tear mágico urdia desumanização. E só quando um dos fios da meada emperrava, e havia um solavanco no ritmo do cerimonial, é que se via que uma vontade prática subjazia ali, vigilante e profana. Ainda o Vitorino não acabara de sair da sua contemplação, já o Seara, o feitor lhe berrava aos ouvidos:

— Tu andas parvo ou quê? Mexe-te! Ergue e espera-me no armazém, que tens de preparar uma vasilha.

*Chora videira,  
Ó videirinha;  
Chora videira,  
Ó vida minha...*

Cantavam todos. E o bombo, com a sua voz pesada, como que dava forma à incorpórea harmonia que, descuidada, descia em cascata pelos socalcos.

*Chora videira,  
Ó videirão;  
Chora videira,  
Ó meu coração.*

Não havia tristeza que entrasse naquelas almas. Principalmente na de Lúcia, cada vez mais agradecida ao céu pela sua redenção terrena.

Entretanto, porque o deus da abundância não se cansava de multiplicar o mosto no lagar, para arranjar onde o meter, o Vitorino deslizava submisso pela portinhola dum tonel, tal as vítimas dos sacrifícios antigos pela boca do dragão.

Lá fora continuava o coro.

E o Seara, por causa daquele barulho e do ouvido duro do Sr. Berkeley, quando daí a bocado chegou congestionado à vinha e deu a notícia do desastre, quase teve de berrar.

Foi então que a voz da Lúcia estacou de vez. Garroteada como a do namorado, a garganta fechou-se-lhe num espasmo de perpétua agonia.

Transida e comandada por tão grave silêncio, a roga emudeceu também.

Só a Casimira velha, desgarrada numa valeira solitária, que não ouvira nada da morte do Vitorino, asfixiado dentro do bojo da cuba, continuou a agoirar a tarde com o seu lamento fanhoso:

*A mulher é desgraçada  
Até no despir da saia;  
Não há desgraça na vida  
Que aos pés da mulher não caia...*

## Uma vindima

É muito simples uma vindima:

As mulheres

falam alto, cortam as uvas,  
fazem de comer e sonham, sonham muito.

Os homens

andam com os cestos às costas, assobiam,  
baralham as ideias, assobiam,  
pisam as uvas, envasilham  
e dizem: pró ano será melhor.

(No ano seguinte é a mesma coisa).

António Cabral, *Poemas durienses*. Vila Real, 1963, p. 60.

## [Vindima]

Estamos quase no cimo da vinha e os bidões não enchem por aí além. Deu pouca uva este ano. Despejo as cestas e baldes nestes bombos que carrego.

A Filipa, contra as vespas, pisa na dorna. Bate as palmas e, num desequilíbrio, solta gritos logo risos. Não caias, rapariga!, diz por dizer a ti Ana, oitenta em cima, à cabeça a canastra das uvas para dependurar na sala. Ide trazendo as cestas, despeja-se depois lá!

Falou o ti Manuel. Está longe de estar contente. Como todos. Porém, enquanto alguns vendem à cooperativa — a seis escudos o quilo —, ele vai fazer o vinho. Junta-lhe uns duzentos quilos que compra ao cunhado (em França partido) — da vinha da Freixeda e do bacelo — e, mai-lo Zé Manuel, a Ivone talvez, pisam no lagar sob a cozinha.

Vamos aos figos ali à minha irmã, que se lhe estão a estragar.

Está tudo?

Está. Podes seguir.

Ti Ana seguiu. Aquilo nunca mais morre! Vizinha da frente, do outro lado da rua, muitas vezes nos hospedou, sem grande espaço: as batatas no chão, os cabos das cebolas, pepinos e o resto, o cheiro das pipas correndo da adega. Era em dias de trovoada, a vizinhança ali compacta em rezas e arrepios a cada alustro, sussurrantes, uma eternidade: enquanto, na vidraça devota, Santa Bárbara em pagela defendia menina Judite.

Pela valeta, regresso à cooperativa. É uma área informemente ocupada, à saída do povo, ao lado direito de quem vai para a cidade. Obra dos bons cá do sítio, é, portanto, cooperativa de cinco ou seis. Não acreditando embora em cooperativas de cinco ou seis, os lavradores, se o vinho não vale a pena, entregam as

uvas à dita. Os tipos pagam mal e atrasado. São cabrões! Amam extraordinariamente a vergonha. (Digo eu, eles vão à missa, não sei. A culpa do que digo é minha. Não do meu autor.)

[...]

Não vais à pisa do vinho? Jogávamos à cabra-cega!

A cabra-cega! Uma noite, no lagar do avô (adega, lagar, loja do cavalo e dos vitelos), lenço nos olhos, meteram-me a cabeça no vinho, fiquei bêbedo! Brincadeiras do Rafael. (No casamento do Rafael, a genra — diz-se nora, também —, a tia Micas, ela toda, presenteou-me com ovinhos de trás da orelha. Parteira, assistiu na dor da minha entrada.)

Cansei-me. Mas que feliz! Agora pisar uvas isso não. Bah, não é por nada. É que devo escrever umas coisas. Dedicar-me a estas inutilidades, um tipo a torturar-se podendo ver televisão, é esquisito. Bastante esquisito. Mas que queres?

Bem, para não perderem tudo, ajudarei a limpar o pio.

Sempre ganhas a merenda.

A merenda ganhava-a sempre.

Ernesto Rodrigues, *Várias Bulhas e Algumas Vítimas*. Lisboa: Edições Ró, 1980, pp. 13-15.

## Vindima no Douro

Montes, verde, xisto,  
Azul do céu,  
Vinho de Cristo.

Rio, cor, gente,  
Cantar alegre,  
Colher semente.

Suor no rosto,  
Filhos na mente,  
Sabor a mosto,  
Corpo dormente.

Trepar socalcos,  
Lagar na aldeia,  
Uvas aos montes,  
Barriga cheia.

Senhor Smith,  
Olhe a vindima!  
Troque o Whisky  
Por coisa fina!

Vinho do Porto,  
Mel das encostas,  
Homens sem rosto,  
Cabaz às costas.

Cantar o Douro,  
Cantar a vida,  
Ancoradouro  
Sem despedida.

António Fortuna, *Sonata ao Douro*. Chaves: Tartaruga, 2010, p. 26.

## [Lagarada]

[...] D. António convida Duarte e o primo Sepúlveda a baixarem aos lagares. Quer que observem certo preceito por si introduzido na *corta*. Num rubor de moeda de oiro velho, a face congestionada da lua cheia assoma ao parapeito do Ermo e alumia o terreiro vazio. Caminham vagarosos, o primo Sepúlveda na abundante informação de novos processos vinícolas — Duarte, insistindo no propósito de falar a sós a Maria do Rosário, revendo-se na graça de Maria do Rosário, que durante a ceia o ungira de todos os ternos perfumes da sedução.

Os lagares, dois tanques graníticos, em casa térrea, ao flanco da escada nobre, são cortados por duas grossas varas de castanho, aguentando no parafuso de madeira o peso de pedra destinado a expulsar do bagaço, na hora da encubação, o mosto agarrado às saias maternas.

Entre o peso e as paredes dos lagares, em nível inferior, e como se destes fossem a reprodução miniatatural, aninham-se as dornas, ou lagaretas, para onde cai o mosto espumejante na sua marcha para as cubas. E pesos, e parafusos, e varas, estas a avançarem do muro negro, semelham, à luz das candeias, trombas de paquidermes em exercícios de tracção. Só o lagar da direita arqueja de movimento — o outro repousa, meio de castas tintas, até à noite seguinte. Duas filas de homens, as calças arregaçadas até às virilhas, cara a cara, corpos unidos e braços entrelaçados pelos ombros, erguem e baixam as pernas, num ritmo de marcha guerreira. Cadenciados, na ordem coreográfica das danças báquicas, aproximam-se, afastam-se, trituram a polpa da uva para que outros lhe sorvam o sangue doirado.

As pessoas que assistem à lagarada descobrem-se ao vê-los

entrar. Os lagareiros dão as boas noites.

Mas a *corta* está no fim — regida pelo João Caetano, assistida pelo Roque, vizinhos da quinta empoleirados nas arestas das dornas e nos rebordos do lagar de pousio. As pernas, lambuzadas de mel, já mergulham e afloram sem esforço na “manta”, tapete de cascas e engaços a arfar ao cimo do mosto. Um cheiro activo e ágil, aveludado e quente, satura o espaço, envolve o solar, derrama-se pela quinta, insinua-se e perturba.

D. António faz a sua demonstração — no silêncio atento mostra como certo movimento das pernas de uma fila, alternando com os da fila oposta, sem diminuir o ritmo, concorre para melhor arejar o vinho e precipitar a fermentação. O primo acha bem combinado. E agradecendo, o fidalgo, velho patriarca bíblico no seio de familiares e servos, autoriza o administrador a dispersar.

— Viva a liberdade! — clamam os pisadores, a uma voz, soltos do abraço que os cingia, empurrando-se, gargalhando, correndo, saltando, praticando a *sova*, à vontade, como na embriaguez do aroma que estonteia.

E logo o bombo, os ferrinhos, as violas estrugem, bimbam, num rumor de saturnal. Dois lagareiros, a cantar ao desafio, recortam em improvisos rimados brejeirices cáusticas. A atmosfera enrubesce. Um dos catadores guincha, zombeteiro:

As “soidades” são securas  
Ó amor dá cá a borracha,  
E se ma deres, dá-ma cheia,  
Que vazia não tem graça.

[...]

Sousa Costa, *Ressurreição dos mortos*. 3.<sup>a</sup> edição, 7.<sup>o</sup> milhar. Porto: Editorial Alice Félix, 1955, pp. 115-117.

## [A lagarada]

[...]

De aí a nada, arregaçados, os homens iam esmagando os cachos, num movimento onde havia qualquer coisa de coito, de quente e sensual violação. Doirados, negros, roxos, amarelos, azuis, os bagos eram acenos de olhos lascivos numa cama de amor. E como falos gigantesco, as pernas dos pisadores rasgavam máscula e carinhosamente a virgindade túmida e feminina das uvas. A princípio, a pele branca das coxas, lisa e morna, deixava escorrer os salpicos de mosto sem se tingir. Mas com a continuação ia tomando a cor roxa, cada vez mais carregada, do moreto, do sousão, da tinta carvalha, da touriga e do bastardo.

A primeira violação tirava apenas a cada cacho a flor de uma integridade fechada. Era o corte. Depois, os êmbolos iam mais fundo, rasgavam mais, esmagavam com redobrada sensualidade, e o mosto ensanguentava-se e cobria-se de uma espuma leve de volúpia. À tona, a roçá-lo como talismãs, passeavam então os volumosos e verdadeiros sexos dos pisadores, repousados mas vivos dentro das ceroulas de tomentos.

[...]

Miguel Torga, *Vindima*. 7.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003, p. 99.

## A lagareta

Era domingo; e logo que terminou a missa em Jogueiros, Ismael deixou a igreja. O sol dessa manhã de Setembro, fogo diabólico, castigava casais e vinhedos. Ismael desceu para as Covinhas, preocupado. Em retorno da feira do mês, na Régua, vinham pela estrada poeirenta animais de estábulo e redil, já meio esganados pela canícula, que homens de taleiga ao ombro e mulheres com cestos à cabeça chibatavam impacientemente.

Adiante do tanque das Forcas, o homem cortou para a quelha que torcicolava entre renques de silvas e amoreiras anãs. Havia pelo caminho grandes nódoas de sombra. A frescura levantou-lhe um pouco o ânimo. Pensou no Monteirinho: Estaria no Paço? Emprestar-lhe-ia a lagareta?

Havia anos que fazia aquela caminhada, com a mesma inquietação no peito. Em pequeno, acompanhava o pai, que não deixava nunca de dizer-lhe: «Se não fossemos pobres... não daríamos estes passos nem sofreríamos tanta aflição...». Mas, uma vez chegados à quinta, o velho Monteirinho dizia inalteravelmente: «Pois sim, pois sim, comecem a vindimar quando quiserem. A minha lagareta está às vossas ordens...».

Apenas a meia dúzia de metros da Quinta do Paço, Ismael recordava ainda a lástima paterna: «Se não fôssemos pobres... não daríamos estes passos nem sofreríamos tanta aflição...». Pobre pai! Reviu, com tristeza, o último dia do velho, o funeral e aquela cova para onde haviam atirado o caixão. Todas as canseiras tinham passado para os ombros de Ismael. Era o primeiro ano em que ia, sozinho, solicitar o tradicional favor. Mas, quem mandava agora no Paço era o Monteirinho novo, pois o outro estava tolhido na cama, e, por isso, receava uma recusa peremptória. E, daí, talvez fosse tudo

imaginação sua, porque o Monteirinho novo era boa pessoa, ainda que não tivesse o mesmo temperamento esmoler do pai. Mas, não tinham brincado ambos, em rapazes, e andado aos ninhos, também?

Chegado ao Paço, foi encontrar o Monteirinho no jardim, diante do solar, a adornar a lapela com uma rosa vermelha. Chapéu nas mãos, encolhido e tímido, Ismael lançou respeitosamente bons-dias e perguntou pela saúde de «sua senhoria».

— Então, que te traz por cá? — interrogou o proprietário, olhando, envaidecido, a mancha rubra com que havia enfeitado o casaco.

Lentamente, como se não encontrasse palavras para traduzir a sua petição, Ismael foi deitando que o tempo corria de feição para vindimar..., que queria colher também a sua meia dúzia de cachos..., se «sua senhoria» lhe fizesse a costumada esmola...

— Ah! Querias que te cedesse a lagareta, não é verdade?

E, como Ismael respondesse afirmativamente, o Monteirinho atirou:

— Terás que esperar, sabes? Mandeí fazer uma lagareta nova e quero que as minhas uvas sejam as primeiras a estreá-la...

Ficou Ismael triste e envergonhado com a resposta. Queria teimar, queria mesmo implorar, mas faltava-lhe coragem.

— Compreendes, não é verdade? — continuou o Monteirinho. — Antiga, a lagareta velha foi mal consertada por ordem de meu pai. Estava a pedir um grande arranjo... Mas, com pouco mais, preferi mandar fazer uma nova. Estás a compreender, homem? Parece-me legítimo, portanto, que ela receba primeiro as minhas uvas.

Tentou Ismael de novo falar, lembrando ao grande proprietário que ele tinha desafogados lagares à sua disposição e, depois, por meia dúzia de dias, nada teria a perder...

Porém, já Monteirinho rematava, com indiferença:

— Começo o vindimar daqui a oito dias. Dentro de quatro semanas poderás, por conseguinte, utilizar a lagareta.

Ismael desandou, agradecido. Quando entrou dentro das suas quatro paredes, amolecido de melancolia e desilusão, sentiu-se atraído para a cama, desejoso de adormecer. Embora tivesse seus receios, não contava de forma alguma com aquela resposta do Monteirinho. Estava moído, mais da alma que do corpo, e, agora, já sabia o significado daquela preocupação que lhe magoava o peito quando se dirigia ao Paço...

[...]

Três semanas passaram; mas, longe de o sossegar, a certeza de que, dentro de dias, poderia cortar os cachos trazia-o ainda mais sobressaltado. Adivinhava que o tempo apresentava feição de mudar. Interrogando a noite, o homem aguçava o ouvido, alertado para tudo quanto podia significar aproximação de temporal.

Desgraçado, bem desgraçado dele se as suas inquietações se justificassem. As dívidas tinham-no amarrado de pés e mãos: por um lado, o enterro do pai levava-o a empenhar-se; por outro, devia ao padeiro e ao merceeiro pão e apresigo havia mais de um ano. Estes e outros credores aguardavam, impacientes, que ele vindimasse e vendesse o vinho, para receber o seu dinheiro.

Uma tarde o céu apareceu sujo de nuvens, que o vento empurrava teimosamente. O homem ficou aflito. Sobrevieram-lhe violentas dores de cabeça, teve a dolorosa impressão de ir adoecer. Deitou-se cedo. Porém, estirado no colchão, era como se estivesse ao janelo. Ouvia o vento, ameaçador... Que iria suceder? Acabou por adormecer. Pela madrugada, acordou com o forte ruído que batia o casinholo. Que significava aquilo? Chuva, granizo? O medo, o grande medo acumulado dentro do seu peito, ao longo de tantos dias, explodia finalmente, atirando-o para fora da cama, enquanto da boca lhe fugiam milhentas pragas.

Tal como se encontrava, em camisa e ceroulas, e nos olhos

uma sede devorante de conhecer a realidade, o homem correu a escancarar a porta. Desabava sobre a vinha forte saraivada! Gemeu: «Meu Deus!... Meu Deus!...». E, surpreendido e suplicante, levantou os olhos ao alto, onde ziguezagueavam relâmpagos.

Ficou assim um momento, esquecido, tonto, aparvalhado. Entretanto, o temporal escampava, uma Lua tímida e vagarosa veio espreitar por entre as nuvens. Então, Ismael como que acordou. Ansioso de verificar as consequências da tempestade, correu para o meio das videiras. Ajoelhou-se, observando aqui e ali. O granizo havia cumprido trágica missão: feridos, golpeados, quase todos os bagos jaziam por terra! Mas o homem, duvidando dos próprios olhos, foi seguindo adiante e observando outras videiras. Agora desabava chuva grossa e abundante. Ismael, já todo encharcado, atolava os pés na terra lodosa. Porém, como que insensível, ele não sentia sequer a chuva bater-lhe impiedosamente no corpo todo. Finalmente, o medo que lhe explodira no peito magoado, depois de todos aqueles dias de recalçamento, incendiava-o de indignação. E, levantando-se e ajoelhando-se constantemente, para ver melhor a clamorosa ruína das videiras, soltava ameaças a seguir umas às outras.

Por fim, a chuva cessou. Começava a amanhecer. A boca de Ismael calou-se no seu louco praguejar. Mas andando, andando sempre, para trás e para diante, os seus olhos continuavam a ver o trágico cemitério em que havia ficado transformado o seu pequeno vinhedo. E quando chegou ao último socalco, ajoelhando-se entre duas videiras despidas, deixou-se cair pesadamente sobre os bagos que se espalhavam no chão.

Guedes de Amorim, “A lagareta”, in *Caminhos fechados*. Lisboa: Edições SIT, 1952, pp. 131-137.

## A quinta do senhor Smith

O trisavô do senhor Smith esteve no alto do Buçaco  
e era menino bonito do Duque de Wellington.  
Claro!: deu a volta a Portugal  
e, como herdara do pai o fino tacto  
dos honrados comerciantes de Liverpool,  
comprou uma quinta no Alto-Douro, por uma bagatela.

Bons tempos esses em que a delicada goela inglesa  
trocava o “smoking”, a cartola e a bengalinha de prata  
por um bom copo do aromático “port wine”.  
Bons tempos! — diz o amante de curiosidades durienses.  
O Marquês não seria lá muito honesto  
mas, ao menos, pôs os ingleses a beber.

Hoje, o senhor Smith é o dono da grande quinta:  
Setenta pipas de vinho de primeira,  
além dum extenso olival, dois pomares,  
um palacete, a habitação dos caseiros, os caseiros,  
trabalhadores eventuais e outras árvores de fruto.

O senhor Smith vem ali, de cinco em cinco anos,  
segundo o velho hábito dos Smiths.  
Assiste da janela a uma *cargação*,  
dizendo “good!, good!”, enquanto bebe a delícia  
por copo alto (os cálices são para os portugueses)  
ou, então, vai-se até a um pomar,  
enfiado numas botas amarelas  
e ruminando dourados pensamentos.

Quando se despede, o senhor Smith não tem boa cara  
A quinta, hoje, não *dar* resultado.  
Enfim, “my friend”, *ser* preciso vender a quinta.

António Cabral, *Poemas durienses*. Vila Real, 1963, pp. 62-63.

## [Escravidão]

[...] A escravidão do lavrador do Douro, grilheta de ferro negro, doirada de esperanças; seu tilintar, marchando, embala-lhe os sentidos, seu peso desmedido esmigalha-lhe os ossos! Cadeia de sonhos persistentes que a realidade materializa nesse arrastar de ânsias e pesares! Escravos da montanha, vencidos de amargura pelo cair da noite, renascem cada dia para a luta, tenazes, valorosos!

Sofrem, moirejam, blasfemam. Por cada dissabor que os enraivece, vão cevar o seu ódio nos socalcos, despedaçando a rocha, sulcando a terra, dominando a vinha. Torcem-na para que ela sofra o contacto cruel da sua dor. E ao sol do meio dia, que os escalda, limpo o suor da fronte, espanadas as mãos endurecidas, acarinhos sorrindo a áspera encosta, campo da sua luta que lhes consome o sangue; e erguendo os olhos calmos, pacientes, de sobre a vinha, legado de seus pais, futuro dos seus filhos, agradecem a Deus, bendizem a escravidão que os acorrenta!

Mário Bernardes Pereira, *Escravidão*. Porto: Tipografia Gonçalves e Nogueira, 1942, p. 217.

## [Pobre jornaleiro]

[...] Paulo, observando a própria vinha, seguia com os olhos os seus trabalhadores, que a voz do rogador forçava a caminhar. Vendo-os curvados pelo enorme peso, adivinhando o suor que lhes perlava o rosto, sentia que, se dele dependesse o dirigi-los, não poderia activar esse trabalho rude. Condoía-se do pobre jornaleiro quando, nas cavas, o via debruçado sobre a terra, curvado pelos rins, espetando, de sol a sol, a enxada de bicos no solo pedregoso. Na vindima, ao vê-lo caminhar — triste animal de carga — sob o peso dos cestos, não podia conter um movimento de piedade e todo o seu desejo seria aliviá-lo do fardo rude, símbolo de miserável escravidão. Mas os braços pendiam-lhe de desalento. Nada podia fazer, para minorar a sorte esmagadora. Para isso, seria necessário beneficiar toda a economia regional; conseguir novas compensações aos lavradores, dar outras garantias ao produto, solucionar de maneira satisfatória o tão complicado problema da região do Douro. Porém, a crise cada vez se acentuava mais. Vinha o preço do mosto em decadência que ele não podia compreender. Como era possível sustentar-se o lavrador e manter os que lidavam para ele?

E Paulo meditava. Por compaixão, por humanidade, fora levado a interessar-se pela sorte da região. Dia a dia, como médico, entrava nos casebres miseráveis, onde a população se debatia na luta contra a fome e a doença; tocas sem ar, sem luz, onde a possibilidade de viver nega todas as leis da higiene, e a promiscuidade zomba dos ditames da moral. Poucos como ele poderiam falar dum povo tão humilde e sofredor. Conhecia todas as privações, todos os sofrimentos, todos os desesperos, todas as blasfêmias, que topara nos pobres lares escuros, onde dias se passam sem que o fumo atravessasse telha-vã e corra o azeite das almotolias. Rapidamente, do seu lugar habitual

de meditação, seus olhos percorriam toda a extensão do panorama. Via as casas das quintas, alvadias, largas janelas escancaradas, vastas chaminés de que o fumo prometia a ceia succulenta; lagares para onde, àquela hora, as caravanas conduziam as uvas vindimadas, que seriam fontes de ouro, se houvesse justiça; armazéns, onde tonéis de largo bojo esperavam o líquido precioso, cuja guarda lhes seria confiada. Essas edificações esmaltavam de branco e de vermelho as encostas, manchas alegres brilhando entre a policromia dos vinhedos.

Mas ao fundo do vale, nódoas escuras de pedras desunidas mal destacavam do terreno inculto que as localizava. De longe ninguém calcularia que ali morava gente. Já seriam impróprias para os gados numa exploração agrícola mediana. Covis de raças bárbaras, ali estavam, imagens de penosa desventura, índice do atraso colectivo. Pedras amontoadas, telhas-vãs, quinteiros húmidos onde o sol não entra, e do tojo empastado para o espaço se evolva a podridão — podem ser, para quem quer, tugúrios inexpressivos, episódios negros da paisagem. Mas ele, que os visita amiúde, vê nos quelhos sórdidos crianças que um milagre contínuo sustenta, ventres enormes de veias transluzindo, perninhas magricelas pintalgadas, (seus corpinhos de membros filiformes lembram grandes moscardos caminhando), pescoços delgadinhos em que se enrolam colares escrofulosos em relevo; encontra nos catres velhos sem amparo, tísicos agachados, tossindo os seus lamentos longe da luz solar, doentes sem remédios de alívio para as dores, e sem palavras de alívio para a alma; e vê os loucos vagueando por atalhos, cantando, monologando (ignoram a desventura que os cerca). Ele conhece todos os cantos e cardenhos; fixando de longe esses casebres, descreve ao coração compadecido os males que cada qual em si encerra, como auscultando um peito diagnostica as doenças internas. Integra esses ninhos malfadados na extensão brilhante da paisagem; e lembra-se da dama sorridente, enfeitada com sedas e veludos, jóias cravejadas de pedras preciosas

— que, no seu consultório, afastadas as rendas e bordados, mostra no peito chagas repelentes!

Em baixo, rente à casa pequenina que fumeja, destilando bagaço dos vizinhos (pequenos lavradores que vindimaram cedo) desenrola-se a bicha dos carregadores, ao lado da ramada; vão já a entrar na estradinha que se dirige ao lagar. Ao ritmo esforçado das pernas de aço, a serapilheira que, em forma de capuz, lhes desce pelas espáduas, baloiça batendo-lhes nos rins, onde o suco, escorrendo dos cestos, forma crostas vermelhas, xaroposas. O último escorrega num degrau; num gesto instintivo pode evitar a queda, apoiando o bastão que destinava a equilibrar o cesto; para readquirir a posição de marcha, retesa fortemente os músculos lombares. Paulo, de longe, conhece aquele esforço, incidente banal, insignificante, daquela luta heróica pelo pão. Involuntariamente, também seus braços flectem, e contraem-se num golpe rude as massas das goteiras vertebrais.

No brusco erguer do tronco, vão-se os olhos cravar no alto da montanha. Vai até ali o espesso pinheiral, que vem cobrindo todas as cumiadas, e que tojeiras atapetando as cotas elevadas separam dos vinhedos.

No ponto mais alto, destaca-se a capelinha de Santa Margarida, muito branca, muito pequenina; oratório bendito dos humildes, impõe-se na paisagem por sua primitiva simplicidade, despertando arroubos de adoração divina. Sem atavios, sem aspirações de arquitectura, paredes brancas levantadas pela piedade rude dos trabalhadores, recorda a solidão dos ermitas, isolados do mundo para mais dolorosa penitência e mais íntimo contacto com Deus. No alto da fachada, onde o telhado vinca um ângulo agudo, ergue-se a cruz, desproporcionadamente alta, os braços muito abertos para o firmamento. Toda a massa imponente das montanhas, da vinha ao pinheiral, parece ter sido escalonada para conduzir ali: destacado do fundo pardacento do Marão, é um enorme altar, cujo sacrário,

isolado no alto, mais desperta em quem erguer os olhos a lembrança de Deus. [...]

Mário Bernardes Pereira, *Escravidão*. Porto: Tipografia Gonçalves e Nogueira, 1942, pp. 36-40.

## Um homem e a sua vinha

Mesmo de fato domingueiro, ao lado da mulher, a caminho da missa, o senhor Antoninho do Pego, me parecia sempre uma continuação da sua vinha e do seu armazém. Talvez porque nos olhos claros nunca se perdia a última mirada de ternura lançada às cepas e à porta do armazém com marcas de giz da última carregação. Apesar de grande como um castanheiro, novos e velhos lhe chamavam Antoninho. Se lhe chamassem senhor António, ficaria por marcar a sua bondosa autoridade, a sua honradez e o seu amor à terra. As águas do Douro eram fundas e quietas naquele sítio. Daí, o nome velho de Quinta do Pego, dado à sua propriedade.

O senhor Antoninho conhecia a vinha desde as entranhas, escancaradas em cada saibramento, até ao milagre das uvas, em cada Outubro cansado. Assistia a todos os trabalhos à frente do pessoal e tomava parte em muitos deles. Dava gosto ver a sua enorme silhueta, recortada no frio nevoeiro de Novembro, poda que poda, falando e rindo com os homens escolhidos para tão delicado trabalho.

— Dizem que a poda foi inventada por um burro, senhor Antoninho...

— Ora, deixa-te disso! Nesse tempo, não havia de faltar erva e os burros não eram tantos como hoje...

A piada era velha, mas o riso era sempre novo e áspero como o trago da cachaça, mais amiudado nas manhãs de nevoeiro.

Os meses do sulfato e do enxofre eram meses de angústia para o senhor Antoninho e para os homens diários na Quinta do Pego. Deitar ou não deitar o sulfato era um dilema sofrido entre o amor às uvas e o dinheiro do granjeio, a esvair-se na gaveta da cómoda.

— Esta semana era melhor deitar o sulfato, senhor Antoninho... Na Palheira já andam com ele e mais o terreno não é tão lenteiro como o nosso.

— Estava a pensar deitá-lo só para a semana... O sol não está muito quente... — economizava o senhor Antoninho, de olhos claros perdidos no céu azul.

— Depois, se aparecer o mildio, ninguém o atura, carago!

Era verdade. Quando algum trabalhador punha na beira do tanque uma folha morta ou um cacho com meia dúzia de bagos negros, o senhor Antoninho perdia a sua calma de bom gigante. Mobilizava toda a gente e ele próprio mexia e remexia a calda bordalesa. Ajudava a pôr os regadores à cabeça, no vai e vem das mulheres, berrando-lhes para que não ficassem a dormir pelo caminho. A mesma agitação, a mesma cabeça perdida de quando adoecia, em pequenino, o seu filho único.

Este filho, o Zé Eduardo, tinha sido a ternura e a mágoa do seu coração. Queria-lhe tanto como à vinha, mas jamais se conformou com as longas ausências em Lisboa, desde que resolvera formar-se em Direito. Nas férias gostava de passear com ele pelas carreiras da vinha, mostrando-lhe aqui a força de um enxerto, além a necessidade de saíbrar uns calços de vinha velha.

No ano em que o filho lhe deu a entender que se formaria, encantou-se à parte, no fundo do armazém, uma pipa testa do melhor vinho.

— P'ra que é esta pipa, senhor Antoninho?

— Não é da tua conta. Já te faltou de beber?

Seria para abrir no quinteiro, quando o filho chegasse de Lisboa, formado em d'reito, como ele dizia na sua linguagem rude. Toda a gente há-de beber até lhe chegar com um dedo, pensava alegremente o senhor Antoninho, ao lobrigar aquela pipa isolada na silenciosa obscuridade do armazém.

José Eduardo não se formou nesse ano. A pipa foi vendida

disfarçadamente, sem se ter chegado a saber para que estivera apartada.

Durante catorze anos, em cada carregação, o senhor Antoninho ficava com o vinho para gasto de casa e uma pipa, encanteirada à parte, para a festa da formatura do filho. Era já, pode dizer-se, uma pipa de silêncio. Toda a gente adivinhara, há muito, a intenção daquele pai amargurado. Ninguém lhe dizia nada. Todos lhe respeitavam a desilusão e a esperança de cada ano.

O senhor Antoninho do Pego veio a morrer no primeiro ano em que, cheio de desgosto, não pôde fazer a cava à frente de uma ranchada de homens alegres e possantes. Tinha comprado um macho para lavrar, manso como a terra, no dizer de quem lho vendeu para os lados de Trancoso. O animal saiu atravessado, sempre de ventas no ar, volta meia volta, desarvorava, levando o arado de escantilhão. De uma vez, ao tentar segurá-lo, o senhor Antoninho foi derrubado, acabando por cair de um calço sobre uma pedra de bardo.

Foi o maior luto daquelas redondezas. Ainda hoje, quando se fala da Quinta do Pego, há sempre quem diga:

— Já não há homens como o senhor Antoninho...

A quinta nunca mais foi a mesma. Os caseiros sucedem-se uns aos outros, diferindo apenas na maneira de roubar.

O José Eduardo não chegou a formar-se. Vive em Lisboa a mudar de emprego e de mulher com a mesma leviandade. Vem a casa de longe em longe, ver a mãe, comer os mimos da sua cozinha e dormir duas ou três noites nos velhos e frescos lençóis de linho.

Nunca desce ao armazém. Aquela pipa, lá ao fundo, parece amortilhar a alma de seu pai.

Camilo de Araújo Correia, *Histórias na palma da mão*. Edição de Autor, 1987, pp. 117-120.

## Meu pai, um como tantos

Hoje, o meu pai trazia do campo  
grinaldas de espinhos. O suor escorrendo  
pela barba crescida. E botas e calças  
empoeiradas. Como chuva de fogo  
desabava, enorme, o sol.

Outros homens passavam silenciosos.  
Meu pai desceu dos ombros o atomizador  
donde um pingo azul de sulfato caía.

E, ali mesmo, amaldiçoou a terra,  
ele que a ama como se fosse  
minha irmã. Ó meu querido pai,  
o teu suor escorreu-me no pensamento.  
Guardo-o. Deixá-lo-ei envelhecer  
como o nosso melhor vinho. Mais tarde  
bebê-lo-ei, orgulhoso de ti.

António Cabral, *Antologia dos poemas durienses*. Chaves: Tartaruga, 1999, p. 62.

## Podadores de S. Martinho

É agora o tempo das podas — como calculam. A seiva está morta nos caules e nos ramos. As filas de choupos que bordam os ribeiros são teorias de espectros, almas penadas da Primavera e do Verão. Que, onde melhor se conhece o Inverno é aqui, no sítio onde eu moro, entre vinhas baixas. As curvas destes montes rebentavam de verde ainda o outro dia. Veio o Outono, tingiram-se de roxo, lambuzaram-se de oiro. Desta pompa nada resta. Cepas e vides nuas cingem o corpo dos montes. É um abraço de esqueletos. Coisa triste... Apenas a anima o trabalho dos homens, o tic, tic, tic e a cintilação dos bicos das tesoiras. É o tempo das podas, é a vez dos podadores. Eles curvam-se como cirurgiões teimosos sobre o ventre das videiras mortas. Cortam, chapotam, bafejam — hão-de ver se ressuscitam. Já nos cerros abriu a flor da amendoeira. Vem aí a seiva. É preciso podar.

Nas madrugadas de Janeiro, e ainda em Fevereiro, quem me acorda não é o cantar dos pássaros. Eles agora estão mudos. Quem me acorda, nestas manhãs geladas, chuvosas ou nevoentas, são os podadores. Aí pelas cinco, oiço o primeiro estrupido de socos descer a minha rua. São eles. Acordam-me. Todavia, eu não me zango, não dou ao diabo o barulho que fazem, pisando os cóios da íngreme calçada onde resido.

Precisam de trabalhar, e eu também. Toca a erguer. Vou-lhes no rasto...

Estes podadores não são daqui. São aves migradoras. Só aqui aparecem de inverno como os tordos durante a azeitona. Vêm do Douro baixo, das terras húmidas do termo de Resende, podar as vides às terras secas do Douro alto. São homens mansos, diferentes por sua mansidão dos cavadores indígenas. Trazem consigo à terra

árdua a amenidade verde dos lameiros. São homens silenciosos. A única bulha que fazem é com os socos. Ninguém lhes ouve palavra. Se falam, é uns com os outros, como as formigas e demais seres laboriosos.

A discrição destes homens! É provável que não saibam ler nem escrever, mas têm sabedoria. Não se misturam, não pactuam nem fraguam com os naturais, que são, em geral, conflituosos. É caso raríssimo irem à taberna. Mas, se vão, bebem o seu copo e largam. Nada de conversas, nada de se meterem pela terra dentro com quem os pode magoar. Sábia atitude! Dá-lhes como resultado irem daqui com o bolso quente e as costelas direitas.

Em cada domingo, à tarde, os podadores descem a minha rua a passeio. Fazem menos bulha, floreiam mais os socos que em dias de fazer. Vão por aí abaixo — ver as montras. Tenho-os visto parados diante das ourivesarias, admirando o oiro, e diante dos armazéns de modas, admirando as monas, que, vestidas de seda, parecem senhoras. É esta a distracção dos podadores.

Vestem cores mestas. Usam remendos, mas não usam côdeas. Bastante asseados... O que porém define o vestido destes colonos volantes é a croça e os socos. A croça é o *water-proof* dos podadores, mas um *water-proof* realmente à prova de água. É uma espécie de capote de Évora, mas sem gola de raposa, ai da croça! É feita de junça, não tem fecho metálico, não tem forro, não tem nada supérfluo ao fim com que se veste. É uma carapaça, um revestimento para o corpo em maré de chuva. A croça é impermeável. Por isso o podador lhe é fiel. Graças à croça, não perde um dia de trabalho, ainda que a chuva ensope e esbarronde a terra. Para segurança dos pés, lá estão os socos.

Os socos dos podadores são monumentos de amieiro e couro. Erguem-se à frente, descrevendo a airosa curva de um barco moliceiro. Cobrem o peito do pé e são abertos no calcanhar. Não são socos chatos como os de Vila Real. Têm saltos de senhora. Parecendo

pesados, são leves. São até elegantes. Cruzam os Iodos como bergantins. Quando se apanham em terra firme, são *aerodinâmicos* — sem exagero. Nada há mais esguio do que eles e funcionam como alavancas. A biqueira do pé carrega na biqueira do soco e levanta o corpo. Recomendo-os aos idólatras do *aerodinamismo*.

Usam meiotos brancos, felpudos, de lã da serra. Mostram os canelos destes coturnos entre a boca dos socos e a boca das calças — sempre curtas e sempre estreitas para melhor afeiçoarem às pernas, de ordinário magras, as polainas de palha, complemento da croça.

Eis a indumentária dos podadores. Vestuário simples como simples são os homens que a adoptam. Roupas de pobres, mas pobres limpos, muito arranjados, sem côdeas, sem frangalhos próprios de ganhões borrachos — pobrezinhos que quase tocam o estalão da dignidade humana.

Vêm todos os anos, pelo inverno, como os tordos pela azeitona, podar as vides do lavrador duriense. Vêm de Resende. Pertencem quase todos à freguesia de S. Martinho de Mouros. O povo, cá em cima, chama-lhes *são-martinheiros* ou, comprimindo a frase, *samartinheiros*. São os *samartinheiros*...

Homens de croça... Homens de socos... Homens de chapéu esguio, de colmo, como um rolheiro disposto para aparar todas as águas. Samartinheiros discretos, benignos, poupados, silenciosos de língua, mas ruidosos de pés. *Terrum, terrum, terrum...* Todas as manhãs me acordam, acordando a calçada íngreme onde moro. Vão para o trabalho. Eu preciso de trabalhar também. Por isso me ergo, não ao canto das aves, que estão mudas, mas ao som dos socos, que tão matutinamente despertam. Não lhes quero mal. Sou indulgente com eles. Para mim, não obstante o seu fragor, são até musicais. Se os vejo, acho-os até coreográficos. São o meu despertador. Não preciso de outro.

## Carreiros

Têm quase todos nomes de pássaros — os que eu conheço. É o Rouxinol, o Pintassilgo, o Melro... Outros têm alcunhas que se não podem dizer. Raro é o que logra chamadoiro entre poesia e prosa. Ou nome de pássaro ou então nome indecente... *Arromba* está porventura no meio das duas categorias. *Arromba* e *Catorze*...

Envelheceram na lide de carreiros, mas, coitados, envelheceram cedo. Má comida e a desoras, muito vinho no bucho, muita chuva no lombo, roupa encardida e rota, fizeram deles isso que aí vedes: uns manquelitós, manca que manca, à frente de um carro. Caras vermelhuscas, pêlo crescido à lei da natureza sobre o debrum sebento do casaco, a pele dos joelhos quase sempre à mira, eis os carreiros, que, no Douro, transportam em pipas o vinho fino e o vinho grosso.

Eu conheço-os... Um deles, o Melro, ficou há tempos debaixo do carro com a pipa cheia. Ou cheia ou vazia... Sei que ficou debaixo do carro e que não morreu. O Melro é de borracha.

Outro, que escapou à morte por uma unha negra, foi o Pintassilgo. Pensando que era verão, meteu-se ao rio escarranchado na pipa e a cantar, porque o Pintassilgo canta sempre — é fado. Cantou até ao meio do rio, mas aí, como faltasse o pé aos bois e tivessem de lutar jungidos com o peso do carro e a força da água, o Pintassilgo começou a berrar, pedindo que lhe acudissem. Os bois morreram, mas o Pintassilgo escapou — não porque voasse, mas porque o salvaram uns pescadores de chumbeira. Desde este banho e semelhante susto, o Pintassilgo ficou rouco.

Os demais pássaros, o Chasco, o Rouxinol, bem como a maior parte dos carreiros de alcunhas indecentes, mal se podem gabar de ter sofrido desastres. Gabam-se todos porém de ter dado e levado

muita pancadaria. Nas feiras, quando o vinho não é suficiente para tombar cabeças de caixão à cova, trabalha nelas a aguilhada — arma do carreiro. Brande-a sem arte, à toa, porque o carreiro é a toadilha personificada.

Quem quiser saber o que o carreiro é deve encontrá-lo na estrada. Não tem mão... Tanto lhe faz seguir pela direita como pela esquerda e pára nas curvas. Nunca vigia o caminho. Incumbe disso os bois e deita-se a dormir nas chedas.

Este desregramento irrita os motoristas. Eles têm razão... Às vezes, na primeira revolta de uma esquina, dão de face com um grupo de carreiros que resolveram parar os carros, pondo-os de esguelha ou atravessados de valeta a valeta. A cólera dos motoristas, em auges tais, rebenta em pragas e insultos, mas os carreiros calmam-na com um sorriso vinoso e ficam satisfeitos por ter arreliado os *chãoferes*. O que eles querem é arreliar os *chãoferes*. Não os podem ver, principalmente se forem motoristas de camioneta. Este veículo é o competidor fatal do carrinho de bois no transporte de vinho em Cima do Douro. O carreiro não tem outro processo de luta senão arreliar. Que há-de fazer? Enquanto a camioneta, num rufo, põe quatro cascos num cais, o carrinho de bois põe um e gasta um dia. Gasta-o na lentidão própria do gado e em paragens ao longo da estrada para que o carreiro fure a pipa e beba.

Furar a pipa é, afinal, a vida do carreiro. Acorda com esse sonho e deita-se com esse sonho. Anda munido de uma navalha e de uma verruma. Apetece-lhe beber e diz à junta: ôôôôô... A junta pára e ele fura a pipa. Bebe, dá de beber a quem passa, aguça o espiche, tapa o furo e diz aos bois: tiééé... Os bois caminham, mas, daí a pouco, tornam a parar para o carreiro tornar a beber.

O vinho é o alimento do carreiro. Lá come, se come, como apresigo do vinho, uma côdea e uma sardinha ou um migalho de bacalhau frito. É raro comer, de lume, outra comida. Sustenta-se de

vinho. O carreiro, que o leitor da cidade conhece com algum brilho — de o ver em postais ilustrados da minha região — é um contínuo adorador de vinho generoso e de consumo. Beber como um carreiro — diz-se por aqui daquele que bebe muito.

Na caterva dos que sacrificam a saúde ao vinho, furando a pipa agora e logo, tropilha de estropiados, há diferenciação social. À primeira vista, mal se divisam os degraus dessa escaleira, mas notam-se se o exame for atento. O dono do carro é menos bêbedo e menos andrajoso que o moço. Às vezes, ergue casa com sobrado e compra terras. O paquete, rapaz que vai à erva aos lameiros para desenfastiar o boi das canas de milhão, é um menino desamparado ou órfão. Quase nunca acompanha o carro. Anda a ceifar o bocado para os animais no prado do patrão ou a preá-lo no terreno alheio. Precisa de ser esperto para não levar duas varadas volta e meia. Mas, esperto que seja, nunca se livra de mau palavreado.

Vão acabar os carreiros. A gasolina mata-os... O carro de bois, que eles conduziam no Douro desde o anoitecer dos séculos, irá parar ao lume. Diz-se que uma voz saiu da terra e anunciou ao mundo a morte de Pan quando Pan expirou. Quando morrer o último carreiro, a mesma voz dirá, ecoando nos côncavos do Douro: Morreu Baco!

João de Araújo Correia, *Três meses de inferno*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, pp. 87-89.

## [As rogas]

Chegaram ontem as primeiras rogas. A minha rua, que nunca ri, ontem cantou, bailou e tocou. Das terras frias da Beira, onde o ar é fino e a leiva arável, cristalina a água e o pão fácil, terras pobres onde a pobreza se veste de burel e linho à sua custa, terras onde o cristianismo não é uma palavra, porque não há ricos; dessas terras alegres desceram os ranchos a vindimar no Douro taciturno. São os poetas a exalçar de frente erguida o trabalho dos cavadores heróicos. Estes não cantam. Executaram a obra. Podaram e cavaram. Foram enfermeiros da vide, atreita a males ruins. Comeram uma côdea. Viveram a crédito. Tremeram maleitas, enquanto redraram. Exaustos do sacrifício, estes braços afeitos ao trabalho rude, não teriam agora forças delicadas para o trabalho doce de vindimar. Por isso vieram da Beira as mulheres pequeninas, com o ar senhoril de quem deixou a agulha de coser e a roca de fiar. Vieram os homens amenos, agarradas ainda aos pés areia leve e água buliçosa de rega. Vieram cantar. Gente sensível, ao descer os oiteiros túmidos de vinho, mordida do sol duriense, cujos raios são como moscardos, tornou-se dionisiaca. O bombo, os ferros, a banza responderam ao evoé das vinhas. Seria loucura a canção rubra dos cachos, exaltada pela música serrana, se o harmónio de falas mansas, no seu ramerrão, não lembrasse a caducidade das coisas.

Serranos! Homens de vinho pacífico, mulheres redolentes. Só vós sabeis que o nosso Douro bravo é belo. Nós, todo o ano apreensivos em redor da cepa, não temos olhos senão para enxergar oídio e míldio, olhos alucinados de quem vê nos bens ao luar bens precários. Olhos que pesam a posta de bacalhau do jornaleiro. Olhos de jornaleiro postos na mão calculada do viticultor. Olhos prosaicos. Vós, olhos poéticos, sois a alegria que visita a dor.

Serranos de vozes frescas, irmãs da água que espreita no linhar, cantai. Não me deixes dormir. Me embriague o cheiro do mosto, impregnado de sons, sem me evocar os passos de paixão que o produziram.

João de Araújo Correia, *Sem método*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, pp. 101-102.

## [A roga]

Eram quarenta pessoas ao todo, entre homens, mulheres e crianças. Foi o Seara, feitor da Cavadinha, que os apalavrou um a um, de casa em casa, mais como anunciador de uma boa-nova do que como contratador de animais de carga. Quem podia com as pernas ia aceitando logo, porque, feitas as malhadas, Penaguião é uma eira de palha molda, já bafejada das primeiras aragens frescas, sem ganhos, desolada, à espera das grandes invernias. E quinze dias de trabalho fora apetece como um bálsamo. Só a Júlia Chona é que não se deixou seduzir pela miragem, e disse alto e bom som que antes queria morrer de fome em Penaguião, de costas direitas, do que estostrar com moscatel, de cadeiras derreadas, no Doiro. Fiel da balança da povoação, a Chona representava ali o cepticismo do suor alugado. Quando ela se negava a ir dar o dia, é que o preço não prestava ou o trato era mau. Em serviços da terra, aquela firmeza de ânimo dava os seus resultados, porque muitas vezes um ou outro lá lhe seguia o exemplo e ficava sentado ao sol, à espera que a iminência de uma trovoada ou a urgência duma rega movessem o coração empedernido dos patrões. Mas, colhido o centeio, nos plainos altos do granito pouco ou nada mais há que fazer durante uma temporada, e a palavra vindima soa como uma senha de recurso e de libertação. De resto, o grande sonho da terra em todo o ano é entrar numa roga. Descer à Ribeira é uma aventura da Montanha desde que há videiras no mundo. Vai-se à festa paga da colheita dos cachos com a seiva da mocidade a florir ou com a secura da velhice a reverdecer. A serra não dá vinho maduro, doce e cor de topázio, que embriague os sentidos e ponha nos olhos a luz doutros céus. A brancura mansa do leite das ovelhas enche a alma de candura morna e o corpo de uma força virginal e conformada.

E em Setembro parece brotar em cada natureza o desejo irreprimível de transpor o insofrito horizonte rotineiro.

— Vossemecê deixa-me ir à vindima este ano, minha mãe? — perguntam, já no S. João, as raparigas.

— Vamos a ver... Se me andares a jeito...

Pais e filhos jogam naquela lotaria. Não que saia prémio que se veja. Todos o sabem. Os magros vinténs que ficam no fim da novena pouco ou nada adiantam. O que é, enche-se o peito doutros ares, sonha-se à ida, pena-se à volta, e muda-se, varia-se, passam-se quinze dias que não cheiram a tristeza nem a fuligem. Vive-se! E como Penaguião fica longe, e os rogadores têm as pernas curtas, é preciso aproveitar o que aparece. Daí o protesto da Júlia Chona ficar sem eco, abafado pelo véu da necessidade e da ilusão.

— Também vais, ó Lucinda?

— Cuidavas que eras só tu?!...

— O que eu não tenho é cesta...

— A tia Amélia que te empreste a dela.

A paz sem história de Penaguião estava quebrada mais uma vez. Oshomens, alugados para acarretarem vindimeiros, abandonavam numa espécie de desdém os enxadões polidos nas sementeiras do pão; as velhas aguçavam a faca de segar o caldo, na consciência de uma missão maior; as raparigas tapavam afanosamente os buracos das meias, com brios femininos acordados.

Miguel Torga, *Vindima*. 7.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003, pp. 15-16.

## [A roga]

[...] Se me der na real gana, há-de ser já este ano, numa roga, ir para o Douro, andar com os cestos às costas, como o gigante S. Cristóvão com o menino Jesus, encher-me de uvas, daquelas que são docinhas como o mel, comer sardinha da grande, cada uma de duas vezadas, rasga daqui, rasga dali, já está, agora um copo do bô, ó patrãozinho, bote pra cá a chelpa; avie-se. E as raparigas a rirem-se no meio das videiras.

Foi de facto numa roga.

— Nha mãe, pai — disse ele em casa, depois da missa, quando já comiam o caldo. — Esteve há um bocado um homem na venda do Acácio a arrebanhar pessoal para a vindima, uma vindima no Douro, numa quinta grande, as Combareiras. Eu vou. E vai mais gente, mesmo da fina. Até vai uma rapariga de Cidadelhe, a Cristina, não sei se se conhecem, que anda em Murça nos estudos.

E foi. A roga tinha umas vinte pessoas e juntou-se toda na Levandeira, a seguir ao Fiolhoso. Setembro ia no fim e o sol picava menos, atarefado que andava a malhar umas nuvenzitas que lhe apareciam no caminho e donde ele, pelo visto, assim dizia uma velhota, tirava os grãos de milho que à noite espalhava pela abóbadas: eram as estrelas. Estava combinado irem numa camioneta do Loja Nova, de Alijó, mas, à última hora, soube-se que aquele ferro velho tinha avariado e o remédio era seguirem, como dantes, a butes, estrada abaixo, uma pausa na Chã para a trincadeira.

Os homens da concertina e dos ferrinhos eram do Castedo e quem tocava o bombo era um fedelho, filho de um deles, rapaz de uma figa, zupa-me nessa coisa a valer, assim, mais, ora aí está, bum, bum, mestre Zé Pereira, pairava insofrido, subitamente iluminado, o Chico, de alcunha o bispo, que ia deitando o rabo do olho para a

loira, cintura fina como uma cabaça cheiinha de vinho a espumar. Cantar não era com ele, mas havia ali quem o fizesse como mandam as ventarolas: o Tino, o Tino Raboto de Cidadelhe, irmão da loira, que não saía de ao pé dela por mor dos beliscões. Quando passaram em deslado da Ribalonga, o Chico deu conta que um mariola e uma garina do bando se atrasaram e meteram entre umas giestas. Já sabia do que se tratava, mas não gostou do caso, pois parecia-lhe que, indo Cristina ali, aquelas coisas deviam ficar para outra ocasião, para a noite, por exemplo, em que todos os gatos são pardos e não há perigo nenhum de a lua se envergonhar, pois a lua é uma descaradona, está sempre a rir-se. Olhou para trás e, quando viu o outro lá longe a apertar a braguilha, deixou-se também ficar para trás: olha lá, ó almafuz, olha que estas coisas fazem-se com mais recato. A aviadeira aproximava-se a sacudir a saia, já a roga se tinha perdido numa curva: também queres?

A aviadeira era uma mulher da vida fácil, uma puta, chamem-se as coisas pelo seu nome, que os rogadores contratavam para os grupos em que havia muitos homens, já que estes, muitas vezes, se recusavam a ir, se ela não fosse também, e, porque ela ia, os rapazolas, mesmo sem grande precisão de dinheiros duros de roer, tentavam-se e lá iam no farrancho. Roga sem aviadeira era roga falida, tão certinho como o senhor sol. As outras mulheres sabiam do que se passava e iam lá importar-se com isso, uma coisa tão velha como o cagar, a nascer paredes-meias com ele: importavam-se, isso sim, era com os maridos, os irmãos e os noivos, esses sempre debaixo de olho, não fosse a garina catrapiscá-los, o que desta feita veio a acontecer e provocou um salsifré do caraças. [...]

António Cabral, *A noiva de Caná*. Lisboa: Editorial Notícias, 1995, pp. 29-31.

## [Inverno]

Inverno. Dezembro rude. Tudo escuro; verde só alguma coma de pinheiro que o vento agita loucamente, campanando nas alturas. É triste.

As videiras, fatigadas da produção e do sol, têm o ar mais torturado e indiferente. As cepas, escuras como a terra e como o céu, deixam cair os sarmentos como braços cansados duma escalada e pelas encostas arriba parecem mais convulsas.

Começa-se a trabalhar ao dealbar. Os trabalhadores chegam ao amanhecer sombrio dos dias de chuva ou na manhã clara de frio inverno, enregelados, a saca do pão às costas e a enxada ao ombro. Têm o ar parado, como os homens das levas, como têm todos os que cumprem um destino fatal. Dão os bons dias, como se invocassem a protecção misteriosa dum poder oculto.

— Louvado seja Deus!

— Louvado seja!

É duro o trabalho nesta quadra, oh! como de resto em todas elas.

Espalham-se pelas lombadas cor de burel, depois de roída uma côdea e engolido um trago de bagaceira.

Lá andam todo o dia curvados sobre as videiras se o temporal não é muito. Rasgam a terra em torno do pé de cada uma — a escava de água — para assim se poderem cortar as raízes inúteis, e o frio poder matar a microbiada e guardar a água das chuvas como pequenos nateiros.

Outros podam. São dias inteiros de cruzes abatidas sobre a vinha, cortando a lenha a desprezar e talhando-a à tesoura de forma que as seivas mais tarde se concentrem e na primavera expludam a riqueza dos cachos.

Podadores há, que apaixonados e irmanados com a videira, hesitam com a tesoura como se a fossem ferir, e, cheios de dó, deixam-lhe varas a mais e tornos inúteis, como se a poupassem a um desgosto. Logo o feitor grita:

— Ó António, olha que essa videira fica com carga a mais, bondam duas varas a cinco olhos e dois tornos a dois!

E o podador lá volta a chapotar a pobre.

O inverno continua. O rio vai barrento, a sua cor de sépia suja talhando voltas, vales abaixo, turbulento e queixoso. O largo horizonte parece recolhido e calado. Não ouve, não vê. Tem tudo a mesma cor unida e densa da terra. Só as oliveiras, a árvore helénica, descansa as suas copas redondas verde-escuro pelas extremas fora, como grandes esféricos que pudessem rolar até ao rio, e, pelas alturas, vê-se ao longe, correr alguma escolta de pinheiros dispersa e muda.

Depois da escava é a levanta. Sujeitam a videira, torcendo-lhe os braços, dobrando-lhe as varas, amoldando-a ao bardo, crucificando-a enfim sobre os arames ou sobre a madeira para o grande sacrifício.

O trabalhador lá anda.

Pelos começos de Março, já se pressente a alegria de quem vai criar, como num seio, onde o leite, apesar de profundo, já rumoreja. As seivas novas clareiam as varas que se tornam elásticas e dóceis, tateiam nos botões abrunhados e espessos e gotejam pelos cortes.

As videiras enchem-se de chorar as seivas perdidas. E tanto, que quem quer dizer de alguém que chora muito diz:

— Chora como videiras talhadas.

Pina de Morais, “No Douro”, in *Sangue plebeu*. Porto: Marânus, 1942, pp. 15-17.

## [Trovoada]

Por todo o Doiro a trovoada passara como um furacão. A bradar por montes e vales, fulminou, primeiro, e alagou e arrasou, depois. À voz dos trovões, desciam dos altos torrentes tumultuosas, que escavavam socalcos, aluíam paredes, arrancavam cepas, e deixavam atrás, escancaradas, as entranhas da terra. O vento colaborava activamente na destruição. E as rajadas de saraiva, que puseram fim ao arraial, completaram a obra sinistra. Os cachos eram esbagoados ou feitos em papa, as folhas rasgadas e ripadas dos ramos, as árvores abanadas até à raiz. Nenhuma vida enfrentava inviolada a tormenta, a que nem os próprios trabalhadores podiam fugir, atingidos também nas cardenhas pelas telhas quebradas que caíam e pelo granizo que, sem anteparo, descia directo do céu sobre eles. Um clamor de desespero impotente misturava-se ao rugido feroz dos elementos.

Miguel Torga, *Vindima*. 7.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003, p. 225.

## [A filoxera]

No entanto, como se assim estivesse escrito, a desgraça renasce. A maldição bíblica tomba, a todo o peso, no solo cristão do Douro — escolhido para saldar os pecados do mundo...

«As terras serão estéreis como se fossem de bronze e ferro!» — anunciara o Senhor, dentre as névoas pressagas do Deuteronómio. E como se de facto o fossem já, na terra inclemente do Douro, bronze e ferro, o corpo patricio das videiras mirra-se, enlanguesce, abate-se em tristeza, morre em esterilidade.

Preludiada pelo *oídium* e pela mangra, de que o suor e a fé do homem triunfaram, vinte anos depois a profecia baixa sobre a região vinhateira no peso bruto das fatalidades sem remédio — toda a região verga, arfando de cansaço, fugindo de terror, morrendo de fome.

— A filoxera! — é o pregão que reboa no ar e a divisa do inimigo vitorioso.

Converte-se em fiada de “mortórios” a *Terra do Vinho*, — por onde o oiro rolara em catadupas, com as águas do rio e com o néctar das cubas. A faina bravia das surribas, a apoteose dionisiaca das vindimas e das lagaradas têm o mais dolorido contraste no êxodo em massa, na amargura elegíaca dos que deixam a desolação das suas quintas pelas incertezas da terra alheia. O fervilhar dos barcos no rio pára quase de súbito — porque, de súbito, esgotadas as reservas dos armazéns, não transportam senão desertores em fuga, príncipes arruinados, — que vão viver das sobras das baixelas de prata e louças da Índia; dos quadros célebres e dos panos de Arrás; dos móveis sumptuosos e rosários de jóias, tudo entregue a desalmados ladravazes.

Como espalhada por um Demónio semeador, de asas velozes,

a praga invade, em marcha forçada, toda a zona heráldica dos vinhos preciosos — o Baixo Corgo, o Alto Douro, o Douro Superior. Desde a Rede à quinta dos Frades, zigzagueando, insinuando-se pelas quebradas do Roncão e das Carvalhas, da Valeira, do Seixo, do Vesúvio, domina, sorve a seiva dos vidonhos, mata a vida dos povoados.

Entre a Rede e Barca de Alva, e despenhadeiros circunjacentes, daí a pouco não há mais do que vertentes desoladas, socalcos vazios, solares desabitados, atitudes confrangidas, gestos de desespero — a natureza morta, o homem, vago senhor de domínios malditos, refugiando-se na deserção, ou esperando a hora derradeira no cemitério da sua opulência...

— A fome! A fome! — choram, espapaçados de desânimo, os que foram tão ricos que nunca a haviam entrevisto nos seus sonhos de nababos.

[...]

Sousa Costa, *Ressurreição dos mortos*. 3.<sup>a</sup> edição, 7.<sup>o</sup> milhar. Porto: Editorial Alice Félix, 1955, pp. 363-364.

## Filoxera

Se foi em 1863 que, em Portugal, apareceu a filoxera, passou entre nós despercebido, em 1963, o centenário desse flagelo.

Ninguém, que eu saiba, recordou a epidemia que reduziu a esqueleto a vinha portuguesa — nomeadamente a vinha duriense.

Em 1863, na freguesia de Gouvinhas, secaram as primeiras folhas, morreram as primeiras cepas. De Gouvinhas, a morte alastrou de quebrada em quebrada até fazer de Cima do Douro um cemitério.

Imagine-se a extensão e o abismo da calamidade. O Douro, que era um jardim suspenso em socacos, deixou de ser jardim. Tomou, de ano a ano, o aspecto de herbário seco em tabuleiros. Lavrador e cavador irmanaram-se em pobreza. Bateu-lhes à porta a fome que rói as unhas. O fidalgo, abatido em sua prosápia, fugiu para o Brasil. Levou para lá os pergaminhos, que hoje serão orgulho de sangue comercial.

Deixou de se cair a casa do proprietário. Caiu a pedaços o tecto apainelado. Enegreceu, se foi possível, o buraco onde vivia o jornaleiro.

Antes de a videira morrer, enquanto não foi moribunda, não haveria remédio capaz de lhe acudir? Indicou-se, como tratamento, o banho de imersão. Videira que quisesse escapar deveria meter-se em água até o pescoço. Como esconjuro da peste, indicou-se o plantio da cepa em areia. Mas, o Douro não tem água nem areia nos patamares em que planta a vinha. Vê o rio, mas não o bebe. Riu-se de semelhantes mezinhas.

Bom paliativo foi o *sulfureto*. Injectava-se na terra, em redor da cepa, e a cepa adquiria um arzinho de saúde.

Melhoras da morte... Mas, atrás dessas melhoras, correu o

lavrador. Fura que fura, fez da terra um crivo para salvar a videira. Barris do *sulfureto* e ferros de aplicar o *sulfureto*, se ainda existem, devem figurar no futuro *Museu do Douro*. Aí provarão a solicitude paternal do lavrador com a videira doente.

Remédio dos remédios foi deixar morrer a vinha velha e pôr em seu lugar bacelo americano, sobre o qual se enxertavam garfos portugueses. O cavalo americano é resistente à moléstia.

Não é fácil de plantar a vinha nova. Exige arroteamento largo e profundo. Exige o completo desmonte de uma encosta, ao passo que a vinha velha, pegando de estaca, se contentava com a cova ou o valado. Até em buracos da parede se metia.

Rolheiros de divina uva eram esses buracos. Parece que a natureza exigiu o pitoresco para ir até além de si própria. Noé não se teria embebedado com vinho de vinha nova, enxertada em padrão americano. Embebedou-se com vinho de rolheiro, cova ou valado. Embebedou-se, no Douro, com vinho generoso anterior à filoxera. Vinho lendário... Ainda existirá alguma pinga?

Não esmoreceu, perante a nova empresa, o lavrador duriense. Toca a saíbrar, toca a refazer a terra condenada. A pá e ferro, virou e revirou o saibro. Pô-lo a olhar as estrelas... Apenas abandonou socalcos impossíveis de romper a eito. São os actuais *mortórios*, jazigos de antiga vinha, que, aqui e além, ainda espreita, por entre mato rastiço.

Não se comemorou o centenário da filoxera. Não seria doce relembrar uma desgraça, mas seria consolador, seria reconfortante, recordar a maneira como lhe resistiu o duriense.

Muita vez se compara o homem do Douro ao Holandês. Se o mar lambesse a Holanda, a Holanda renasceria nas mãos do Holandês. Se a filoxera desfez o Douro, o testudo viticultor recriou-o com pá e ferro nas unhas.

Pena é que os *mortórios* continuem incultos. Poderiam dar, creio eu, amêndoa e azeite. Mas, o duriense, o da gema, é monoteísta.

Só adora a videira.

Não há tragédia sem lado cómico. Do tempo da filoxera, ficaram por aí, nessas aldeias, reminiscências burlescas. *Barril do sulfureto* é a mulher mal sorteadada em elegância. Mulher mal feita, sem pescoço nem cinta, é *barril do sulfureto*. Se for má como as víboras, venenosa no íntimo e à flor dos dentes, recebe o nome de *Filoxera*.

Nas comédias do tempo, a troco da pronúncia do científico x, também a filoxera serviu o humorismo. Na comédia social, também se prestou à exploração. Houve aqui no Peso um velhote, flor de calaceiros, que resolveu governar-se à custa da filoxera. Dotado de boa figura, foi-lhe fácil disfarçar a condição humilde com barba branca sobre fato preto. Com este disfarce, percorria as praias como rei Lear tocado de infortúnio, mas, sem cegueira. Murmurava, com meias palavras, o reverso do seu destino. Dizia, por entre a barba, que tinha perdido tudo com a filoxera. Grande colheiteiro, tinha vendido os bens ao desbarato. Era homem sem leira, nem beira, nem ramo de figueira.

— Coitado, coitado... —, gemiam os veraneantes. E enchiam-lhe o bolso de patacos, tostões, meias libras e até libras inteiras.

Com o bolso quente, sonhando já com o porco de ceva que havia de comprar na feira dos 14, dizia o representador: as minhas filhas até tocavam *pianho*.

O *pianho*, à última hora, desacreditaria o actor diante de plateia menos comovida. Coitado, coitado... O velho regressava ao Peso com o dinheiro preciso para gozar o Inverno à barba longa. Não há história triste sem entrelinha alegre.

11 de Junho de 1964.

João de Araújo Correia, *Passos perdidos*. Lisboa: Portugalí Editoria, 1967, pp. 179-183.

## Mortórios

Mortórios. A lembrança  
da vinha nos geios que perduram.

Injúrias  
da pequena criatura semelhante  
aos deuses da desordem.

Um clamor ainda audível, um  
conglomerado de pragas.  
O vinho moribundo.

Lugares de estevas e abominação.

A. M. Pires Cabral, *Douro: Pizzicato e chula*. Lisboa: Cotovia, 2004, p. 33.

## [Feira dos cartões]

Tal como agora. Ainda folheio os álbuns de fotografias. Quintas do Douro, beleza infinita, vinho dourado. A maior riqueza. Várias castas, cores diferentes, irisadas, matizadas, escuras, vermelhas ou brancas. Águedo de Oliveira e Petrónio, Corinto, Portucale ou Cale, de Calento. Polémica a que ele dá novo brilho. Se os romanos vinham ou não ao Douro, à procura de vinho para as libações em grandes orgias, é caso que não dará grande cuidado. Repare-se nos rabelos e na sua semelhança com os barcos de Roma... Fico desasado perante tanta conversa. Prefiro as decisões brutais do Marquês, que não conseguiu meter tudo nas galés nem na costa de África. Dona Maria abriu de novo as comportas do jogo. Desde tempos imemoriais que se trafica com este vinho. Uvas compradas fora da região, entrada de aguardente de longe ou sintética, para adicionar e fazer vinho que passa por ser do Porto, vinhas com trinta ou quarenta pipas de direito a benefício e há muitos anos a monte.

Não preciso de sair de casa do notário para recordar. Quintas de S. João, da Peça, da família Sá Carneiro, em Santa Comba, vinhas dos Cardosos e outros, em Freixil. Terras de batata, uvas que dão graduação de 8 ou 9 graus. Benefício amplo para quem precisa de ir buscar uvas longe, para meter na adega. Já não têm produção que chegue ou apetece-lhes traficar ainda mais. Feira dos cartões na Régua. “Só o cartão e autorização de benefício do vinho com aguardente, para produção de vinho do Porto, vale três e quatro vezes mais que a pipa de consumo. Com as uvas é mais tanto”. Frases soltas que escorrem da memória dos anos a ouvir falar de vinho. Instalações em ruína, nas quintas. Vinhas a condizer.

Modesto Navarro, *Morte no Douro*. Lisboa: Ulmeiro, 1986, pp. 48-49.

## [Outros tempos]

Outro tanto não sobreveio na vindima. A baixa produção dos pequenos camponeses (em parte, rendeiros e jeireiros) acompanhava o desaparecimento de lagares e pios e dessas noites em que donos e amigos arregaçavam calças, ceroulas, lavavam os pés e se metiam às uvas, ferindo-se nas cangas, embebendo os movimentos numa espuma subtil que podia chegar à cabeça.

Pude ainda conhecer essa época, de jogos dentro do vinho, com histórias mirabolantes do que mijava ou tomava banho nele. Para o cangaço havia prensas; limpavam-se os tonéis de um cheiro impressivo a mosquitada, enxaguavam-se os garrafões, não se fazia essa zurrapa de vinho a martelo cedo comercializada, algum até se apurava quando pisado em dornas e em certas adegas era sumptuosa a fileira de pipas. Também água-pé podia anunciar as manhãs vaporosas da aguardente, em fio descendo do braço do alambique, o pote ardido sobre florestas.

As uvas de mesa guardavam-se em videiras mais cuidadas no sulfato e na enxertia. As latadas com cachos de bagos grandes, um tempo proibidos por ignara política, inundavam aparadores, dependuravam-se na sala e novas parreiras secavam na saudável indiferença dos comensais, que no tempo mais frio preferiam figos secos ou compotas, em especial, doce de abóbora ou de cereja (com ou sem carabunha) e a inevitável marmelada que dava bem com o queijo feito em casa, em vias de ser ultrapassado pelo flamengo. Mel e nozes completavam a doce infância.

Mas agora, dizia, vendiam as uvas à cooperativa e esse gesto traduzia desconsolo do que em nós alienamos, entretanto tomados pela discreta publicidade de estranhas bebidas cujo mercado se inaugurava. Não eram só as crianças que, à mesa, substituíam o

vinho por gasosas; o mesmo vinho, comprado em garrações de cinco litros, trazia um travo a falsificação e os mais velhos obstinavam-se em, vendendo embora a quem se deslocava às vinhas, guardar para consumo da casa a parte sagrada com que se obrava vinho fino ou esse mais forte que no palato estala.

Ernesto Rodrigues, *Torre de Dona Chama*. Lisboa: Editorial Notícias, 1994, pp. 34-35.

## Guarda nocturno

A parreira da casa em frente resiste  
sabiamente à passagem dos mortos.  
Há muito morreu o homem que a plantou  
e de seguida a mulher. Os inúmeros filhos  
cedo fugiram ao pão negro do Planalto  
e entregues à guilhotina dos dias, diz-se  
que também eles vão morrendo  
anonimamente pelos becos do mundo.

Só esta parreira permanece guardando  
o nome dos mortos num vasto luto  
verde. Entregue à sorte, desordenando-se  
a uma ordem secreta, já quase cobre a casa toda.  
As janelas e as varandas somem-se  
entre a verdura das folhas e o declínio  
das vides, num recolhimento de morte  
a coberto de um sopro de vida.

Durará esta casa, durarão estes mortos,  
enquanto durar a seiva desta parreira,  
  
que estará viva enquanto eu a vigiar.

Mas a morte ameaça. Alguns ramos secaram.  
Os dias verdes da casa amadurecem  
vertiginosamente

Sinto-o nos olhos.

Fernando de Castro Branco, *A carvão*. Maia: Cosmorama Edições, 2009, p. 249.



Nunc est bibendum



## Ode a Baco

Vou-te cantando, Baco!  
Não pela colheita de hoje, que é pequena,  
Mas pela de amanhã, muito maior!  
Vou-te pondo nos cornos estas flores,  
Que não querem ser líricas nem puras,  
Mas humanas, sinceras e maduras.

Vou-te cantando, e vou cantando o sol,  
A terra, a água, o lume e o suor.  
Vou erguendo o meu hino  
Como levanta a enxada o cavador!

Lá nesse Olimpo em geios,  
Único Olimpo etéreo em que acredito,  
Aí me prosterno, rendo e te repito  
Que és eterno,  
Mais do que Deus e mais do que o seu mito!

Beijo-te os pés — os cascos de reixelo;  
Olho-te os olhos de pupila em fenda;  
E sabendo que és fauno, ou sátiro ou demónio,  
Sei que não és mentira nem és lenda!

Dionisos do Douro!  
Pêlos no púbis como um homem,  
Calos nas mãos ossudas!  
E bêbado de mosto e de alegria,  
À luz da negra noite e do claro dia!

Cachos de alvarelhão de cada lado  
Da marca universal da natureza!  
Ela, roxa e retesa  
Como expressão da vida!  
A beleza  
Sempre no seu lugar, erguida!

E folhas de formosa pelos ombros,  
Pelos rins, pelos braços,  
Por onde a seiva rasga o seu caminho.  
E a cabeça coberta  
De cheiro a sémen e a rosmaninho!

Modula a sensual respiração  
Do arcaboço fundo do teu peito  
Uma flauta de cana alegre e musical.  
E és humano,  
Quanto mais és viril e animal!

Eis os meus versos, pois, filho de Agosto  
E dos xistos abertos!  
Versos que não medi, que não contei,  
Mas que estão certos,  
Pela sagrada fé com que tos dei!

Miguel Torga, *Odes*. 4.<sup>a</sup> edição, Coimbra, s/d, pp. 79-83.

## [Vinho bebas]

Vai um Outono de luxo — no que toca a dias bonitos, entenda-se. Porque no que toca ao resto, vai um Outono dos diabos, como já vieram uma Primavera e um Verão dos diabos e está para vir um Inverno dos diabos. A bom entendedor...

Mas já Horácio aconselhava afoitamente a gozar o dia que passa e a esquecer o que há-de vir: *carpe diem quam minimum credula postero...* Deixemo-nos pois de aougros e vamos ao que importa.

Hoje, dia 7 de Outubro de 2000, dia radiosíssimo e mormacento, de sol docemente traiçoeiro, fomos até à quinta de um amigo, ali para as bandas de Sabrosa. O pretexto era ajudar a pisar as uvas na lagarada, mas a verdadeira razão era um cozido à portuguesa que havíamos de comer — e comemos — numa varanda de vistas esplêndidas sobre o rio Pinhão lá no fundo e, nos altos, sobre as aldeias de Cheires e Sanfins do Douro. E uma partida de sueca, devidamente praguejada, que havíamos de bater — e batemos — na mesma varanda depois de desafrontadas as mesas dos precisos do almoço.

O espectáculo épico do vinho anda no auge. Todo o Douro parece agora uma enorme colmeia diligente em torno das uvas, seu ai-jesus. Há vindimas aqui e ali, com gente não tão gárrula como os promocionais turísticos a pintam, metida como piolho em costura por entre os geios. Mas ainda assim sente-se no ar uma como que vibração benéfica de saudável alegria, induzida pelo cheiro a mosto e pela serena beleza do dia. Pelos caminhos de consortes, fervilham os tractores carregados de uvas que lá vão ao seu destino — o lagar.

Dá para cismar um pouco, entre duas vazas de sueca, na grandiosidade do panorama que temos pela frente e sobretudo na grandiosidade do esforço humano que foi necessário para disciplinar

aqueles montes caóticos onde tudo era fraga de xisto e matagal. A poder de braço e ferro bacelar, nanja dessas máquinas de agora, que as não havia então. Mas para quê presumir? António Cabral e Miguel Torga já disseram isto, tanta vez e de forma tão definitiva, que acabo por compreender que é melhor meter a viola no saco e voltar ao trunfo espadas.

A terra de onde provenho não é uma terra particularmente rica de vinho, embora por lá se colham dele, aberto e espertito, meia dúzia de pipas em todas as aldeias. Mas há também, como aqui, uma cultura do vinho, um respeito pela cepa quase iguais aos do Douro. Não é o vinho sangue de Cristo? Não o bebe o padre, na missa, a pedido daquele que morreu por nós há dois mil anos? ‘Fazei isto em memória de mim’...

Daí que os anexins, os prolóquios, as contas e as quadras a respeito do vinho e mais de quem o bebe sejam às pazadas. Podia encher páginas e páginas com eles — mas, uma vez mais, já alguém o fez antes de mim. A maldição de ter nascido tarde demais...

Não resisto, contudo, a contar uma breve história que me dizem verdadeira. Havia um sujeito que tinha tanto amor e devoção pelo vinho que não se limitava aos conhecidos anexins ‘por cima de melão, vinho um tostão’ e ‘por cima de pêras, vinho bebas’. Não, senhor: era vinho por cima de melão, vinho por cima de pêras e de maçãs, de pão e de queijo, de carne e de peixe, de doce e de salgado. Por cima fosse do que fosse — ‘vinho bebas’, dizia (e praticava) o bom beberrão. Com uma única e enternecedora excepção. Sabem qual? As uvas. Porque não era ‘por cima de uvas, vinho bebas’ que dizia. Em vez disso, dizia esta coisa ao mesmo tempo enternecedora e subtil: ‘Não há nada que fique tão bem como o filho nos braços da mãe.’ E por cima de uvas — que eram a mãe —, bebia vinho — que era o filho. E a isso chamava ‘o filho nos braços da mãe’.

Este homem era um poeta e se calhar não sabia.

A. M. Pires Cabral, in *Repórter do Marão*, 13 de Outubro de 2000.

## Com toda a franqueza

Depois de uns bons minutos diante do papel imaculado e de caneta já desanimada de lhe levar assunto, apeteceu-me, escrever sobre vinho. E, quando um assunto me apetece, nenhum outro se consegue atravessar.

Vou escrever à toa, para não dizer aos bordos pelos caminhos do pensamento e do sentimento.

Apreciador de vinho me confesso. Tão apreciador que na cavaqueira dos meus ambientes de trabalho, quando se fala de vinho, me saio muitas vezes a dizer:

— Se não fizesse mal e não parecesse mal... andaria sempre com um grão na asa!

E há sempre um companheiro que responde:

— Também eu!

Mas como faz mal, parece mal e o meu trabalho não se compadece, sequer, com uma pontinha de álcool, guardo-me para a liberdade das festas. Mas nas festas tudo se come, tudo se bebe, tudo se atira para o estômago como para a sacola de um mendigo em dia de bodo aos pobres. Não é nos regabofes que se pode apreciar um bom vinho. Um bom vinho tinto. O vinho branco é fugidio. Está sempre com pressa de partir. Não fica connosco para aquele diálogo repousado e sublime de que um bom vinho é capaz.

A perspectiva de poder apreciar um bom vinho ao jantar de sábado ou ao almoço abacial de domingo dá-me alegrias de estudante a pensar em férias. Aí sim, na paz da família e de mim próprio, gosto de me encontrar com um bom vinho tinto. O subtil prazer começa na escolha. Na obscuridade da garrafeira, por entre a luz baça do vidro empoalhado, elejo a garrafa que parece adiantar-

-se a pedir liberdade. E eu dou-lha para que nos libertemos os dois. Leio-lhe o rótulo como se lhe ouvisse os primeiros segredos. No copo, vem depois a confissão inteira, expressa em refulgências, aromas e lonjuras de paladar.

Calculo o espanto e a comoção do homem primitivo, quando descobriu o vinho. Ao sentir que ele lhe libertava o espírito e lhe percorria deliciosamente o corpo, deve ter olhado, incrédulo, para as mãos. Depois, achou-as luminosas, tocadas por uma divindade qualquer.

O vinho chegou até hoje, até ao copo da nossa solidão e dos nossos brindes.

A memória traz-me agora duas celebridades, dois nomes marcados a fogo na História do séc. XX — Winston Churchill e Charles De Gaulle. Um e outro, para além do seu notável protagonismo na Segunda Grande Guerra, foram grandes apreciadores de vinhos nobres, em plena tensão das suas preocupações. Grandes de corpo e alma, podiam com uma garrafa inteirinha a cada refeição, sem abalo do seu enorme sentido das responsabilidades.

Como se sabe, Winston Churchill foi o grande estratega e grande dinamizador da resistência britânica ao nazismo. De 1940 a 1945, enquanto Primeiro-ministro inglês, foi, porventura, o espírito mais atento à causa dos Aliados. Precisava, como se calcula, de estar sempre informado do que se passava no campo de batalha e nos bastidores da política. Por isso, os seus colaboradores mais directos podiam interromper-lhe o sono, as conversas, as leituras e a paz do charuto. Mas nunca as refeições! Diz-se que rosnava como um buldogue, quando tal acontecia, por não poder deixar de acontecer. Hoje acredito que não gostava, sobretudo, que lhe fossem interromper o diálogo com o vinho escolhido, quem sabe se os seus únicos momentos de verdadeira paz no inferno da guerra...

No alto da tabela social dos apreciadores de vinho ficam, de copo de cristal na mão, Winston Churchill e Charles De Gaulle. No fundo temos o *Doninho*, de caneca de barro babada de vinho tinto. Estou a vê-lo em Poiares, rua abaixo, rua acima, a suspirar e a dizer:

— Ai Deus me dê saúde e sede!...

E Deus fez-lhe a vontade, anos e anos.

5.Mar.98

Camilo de Araújo Correia, *Crónicas do meu vagar*. Peso da Régua: Garça Editores, 2005, pp. 93-95.

## [Lenha a estalar e um copo de vinho tinto]

Eu caíra noutro mundo. No conforto indescritível da lenha a estalar e um copo de vinho tinto, denso como a felicidade, saudando-me por dentro, perguntavam:

— Então, já ouviu falar dessa torre?

Não ouvira. O padre fez ah e lançou dois rachos à fogueira. O silêncio, grave, preparava o santo sacrifício da eucaristia, se da mesma fosse questão, ou eu crente. Mas no celebrante rasgava-se discreto sorriso, qual gaiato cumpridor que o dever saturou.

— Não ouviu? Eu lhe conto. Mas vá bebendo, não se esqueça.

Não me fiz rogado. Gosto do vinho, tranquilamente; o copo deve ser grosseiro, se púcaro de barro até ferve. Agarra-se de preferência com ambas as mãos, trinca-se como se o instante parasse; imaginar veludo. Volta-se a encher do jarro vermelho-opaco. A velha senhora adivinhou (é melhor pensarmos que sabe do que gasta a casa) e traz segundo jarro que põe entre os dois na mesinha do escano, descida. Enche dois potes de água, que aquece; prepara o jantar.

[...]

Cerrava a noite, passante das seis. Duas vezes que olhei pela janela da cozinha vi a mesma suspensão azul; depois, nesta paragem da conversa para chegar as brasas e compor um toro no trasfogueiro, dar um pouco ao fole e logo ao abano para espantar o fumo de uns guiços, a súbita noite. Sirvo-me de vinho.

[...]

Fechávamos a refeição com aguardente de amora. Saciados (a velha senhora tirava a mesa e reconduzíamos a tábua à vertical do escano), inquiríamos nas chamas como, numa tarde, se pode construir um passado de amizade. Que assim era: com cinco horas ou cinquenta anos, eu podia falar de um padre que, já não por acaso,

sentia, viera ao meu encontro como podia ter vindo um qualquer bêbedo.

Ernesto Rodrigues, *Torre de Dona Chama*. Lisboa: Editorial Notícias, 1994, pp. 8-12.

## A sesta do senhor abade (excerto)

Num carro triunfal trovejava depois  
Um tonel arrastado a cem juntas de bois:

O sonho, o canto e a dança  
Vivem na minha pança.  
Que trilogia!  
Sonhar, dançar, cantar!  
A tristeza morreu um belo dia  
Num lagar.  
Vá, Padre-mestre, com bizarria!  
Cântaro à boca, toca a virar!

Meu Padre-mestre, nunca o teu bico  
Provou ainda vinho tão rico,  
Sem confeição!  
Vinho como este  
Nunca o bebeste  
Não!  
Bebendo um copo faz-se um sermão!

Vá, Padre-mestre, põe-me um repuxo,  
Muda-me todo para o teu buxo  
Meu tubarão!  
Depois rolemos, às gargalhadas,  
Dando umbigadas,  
Dando pançadas  
No chão!...

Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*. Porto: Lello & Irmão, s/d, pp. 231-232.

## De borco (excerto)

O assalto era obra inteirinha do Safado.

O Vassoura fazia de besta de carga.

Entrariam pela porta lateral do armazém, não só por ser a mais oculta, por estar virada para montante das águas, por meio protegido pela folhagem do limoeiro, mas, essencialmente, por ser singela nas suas almofadas e couceiras ferrugentas.

Safado sabia que o administrador da quinta tinha ido, no correio da tarde, para a Régua. Ficara a mulher com duas criadas, que o moço estava para o Vilarinho a baptizar o filho. A horas mortas, a quinta era um ermo e nos arredores só para riba de dois quilómetros se poderia arranjar lampião ou vizinho que deitasse uma demão a uma desgraça.

Os dois procuravam azeite. Naqueles tempos da guerra fundara-se um centro de mixordeiros na Ferradosa. Por conta deste entreposto trabalhavam vários camaradas à comissão com agentes por eles recrutados. O azeite descia pelo rio abaixo em pontos combinados. Safado viu-se na necessidade de alistar o Vassoura, um imbecil. Mas na última da hora, o Serafim falhou e ali estavam os odres ao lombo do bruto.

Alcançaram o armazém. Safado puxou pela gazua. Cuspiu-lhe. Suavemente, introduziu-a na velha fechadura. Depois de um gemido, a porta cedeu. Veio de lá de dentro uma frialdade escura que se engolfou neles e na noite.

O Vassoura cedeu-lhe o foque.

Pousando na soleira o fardo dos odres, respirou de alívio. O cheiro enjoativo dos odres acorrentava-o à má disposição com que vinha. Suava, torcia-se com dores no estômago. Era a fraqueja do ladrão. Na jaqueta tinha uma côdea. Sede e na boca o saber a

bacalhau.

Safado penetrara na amplitude sinistra do armazém. Com o lampião eléctrico mirava os tampos avermelhados dos tonéis. À sua volta, morcegos fisgavam-no e mais do que uma vez se atiraram ao olho verde da lanterna.

Estacado à porta, o outro não se dispunha a qualquer movimento. Os morcegos aterravam-no num prenúncio do mau agouro com que vinha. Para ele, eram borboletas enormes, negras a soltar gritinhos apavorantes. Uma lufada aromática, fina, perturbante, fê-lo estrebuchar nos arrebois de uma sede adocicada.

Safado era um pontinho luminoso no fundo da adega comprida. Voltando-se, deu com a luz em cheio no rosto do Vassoura. Assobiou entre dentes a modinhos de zagal furtivo que enxota os borregos do cebolo alheio.

Mas o aroma que vinha do armazém subia e descia pelo Vassoura num bailado de miragens, de estradas de areias brancas, areias escaldantes a ladear fontes donde brotavam gotas dum cristal levemente purpurino e transparente.

Com os lábios secos e a garganta a papejar requeimada, totalmente banhado por um sonho vivido num momento, o Vassoura viu na sua frente o olho da lanterna a avançar e a crescer de intensidade.

O da pilha vinha nos bicos dos pés. Falaram; segredaram. As suas cabeças desgrenhadas desenhavam-se no fio de luz projectado no escuro através da porta aberta e diluía-se na folhagem do limoeiro. Ambos vibravam sob a emoção violenta de uma pancada. Girassóis sequiosos a absorver os vapores açucarados que andavam no ar fresco.

Ao fundo do armazém, no vão de uma escada que subia aos lagares, Safado descobrira dois pipos. Com os dedos afastou uma camada fina de aranhas transparentes que cobria os pipos. Bateu nos tampos.

O som era chato, sem ressonância. Estavam cheios!

O Vassoura fervia; era a pedra pomes a beber na nódoa de tinta. Lábios grossos a fazerem de tromba ou de funil. A febre comia-os.

Qual azeite nem mais azeite! Ouvindo acordes melífluos, aproximaram-se dos pipos.

Safado deixou-se escorregar. De joelhos em terra, como em oração de delícia pagã, a boca descarnou-se-lhe em corola viva, em forma de taça beijuda. Um fiozinho de néctar, na forma de gotas do mais doce orvalho, começou a correr.

O Vassoura rondava o segundo pipo, farejando aguado. Como o outro, lá, se ajeitou à boca do pipo. Durante momentos, mamaram como leitões há muito fora da mãe. Depois, esponjas encharcadas, semi-inconscientes, tombaram para o lado.

Sobre as faces escorria, em marulhante cantar, o perfume líquido. Ficaram de cabeças encostadas, de olhos cerrados. Estonteados, vencidos, docemente humilhados, deram conta da letargia. Ouviam cânticos de sereia; navegavam sobre folhas dum canavial sussurrante.

O prazer inefável do Vassoura estava na brutal sofreguidão com que satisfazia, finalmente, um apetite. No seu rosto a tomar a cor arroxeadada brilhava um sorriso pleno de luxúria. Pela sua imaginação a escaldar passou um sorriso de fêmea, refulgente na sua promessa. Pagar ao Ti Rocas, pespegando-lhe um galho novo mesmo no centro do meio da testa, assim como quem planta negrilho à beira de uma fonte depois de dessedentado, foi a última visão de uma sinfonia trágica.

Viu estrelas, riscos de fogo em forma de pirilampos.

Das seteiras do armazém, babava-se o palear de uma manhã que vinha dos altos em direcção ao rio. A pouco e pouco, das trevas rompia a silhueta engelhada da Terra. Era o bafo da vida que não morre e não perdoa; era, na verdade, o triunfo da luz sobre os morcegos.

Quiseram erguer-se; sacudir o jugo. Foi, porém, terrível.

Os pipos, depois, deixaram de golgolejar. O charco em que eles haviam afocinhado, após o ensopamento dos corpos e das vestes, esgueirava-se para baixo dos tonéis, formando pequeninas cantarolas de açúcar condensado. Dominados, entraram na suavíssima tortura. Roncavam. Formavam novelo enrolados, hirtos, torcidos, pesados. As bocas escancaradas num esgar patético rouquejavam com flocos de espuma repelente, salpicada de fina poeira arroxeadada.

Adormeceram à tripa forra.

\* \* \*

Era manhã já farta.

O moço da quinta, depois de chegar do baptizado, foi ao armazém buscar o gravano. Espantado, berrou pelos homens que andavam no bacelo. Tocaram as buzinas para os das outras quintas, para os da estação.

Era o sinal de alarme.

Naquelas vascongadas durienses, assim se transmitem os sons puríssimos de uma austera ancestralidade.

Veio gente a correr. Julgavam acudir a um fogo. Afoitos, entraram no armazém.

Eles ainda lá estavam. De borco...

José de Aguiar, *Noite de S. Martinho*. Vila Real, 1960, pp. 45-49.

## S. Martinho

### I

Ó meu rico S. Martinho  
alegra a rapaziada,  
eu quero ver o povinho  
no terreiro e na calçada

### II

Come-se a boa castanha,  
não há ninguém que não queira,  
não há ninguém que não venha  
ao lume desta fogueira

### III

No lume dos meus desejos  
já deitei muitas castanhas,  
mas em vez de doces beijos  
só ganhei mágoas tamanhas

### IV

Eu bem me chego à fogueira,  
que as castanhas saltam loucas,  
ó que sina tão matreira:  
só me saem cascas ocas

### V

Dá-me dessa jeropiga,  
um licor de monges sábios,  
ó que linda rapariga,  
ai que sede de teus lábios

## VI

Tirada da tua boca,  
dá-me dessa canequinha,  
seja muita, seja pouca,  
esta sede é tua e minha

## VII

Diz-me ao ouvido o segredo  
que no teu coração anda,  
vamos dançar no folgado,  
já no adro toca a banda

## VIII

São modinhas, são cantigas,  
vamos dançar no terraço,  
não sei se com raparigas,  
se com meninas do Paço

## IX

Roubei-te um beijo com jeito  
no correr do arraial,  
namorei-te com respeito,  
ninguém vai levar a mal

## X

Jura de amor foi selada  
no regresso do caminho,  
que já espreita a madrugada  
na noite de S. Martinho

## XI

Estrela d'alva já desponta,  
azevinho pinta a baga,  
já temos a nossa conta  
e esta conta já está paga

## XII

Já se retira o povinho  
contente como ninguém,  
bem hajas meu S. Martinho  
até p'ro ano que vem!

*Campeã, Novembro de 2006*

José Eduardo Rodrigues, *Paraíso revisitado — Roteiro poético alfacinha e duriense*. Vila Real: mil@editores, 2009, p. 66.

## O Leiras (excerto)

Vinho a granel!

Não era só à porta dos ricos que cheirava a mosto. Os pobres também tiveram a sua vindima. E que rica vindima, com a graça de Deus!

Nos outros anos, os gachos mal bastavam para a canalhada depenicar no cedo, mas naquele, com a graça de Deus, as videirinhas desentranharam-se em bago.

Fartura do Céu, talhada para os pobres!

Os ricos nem por isso se mostravam muito satisfeitos, pois tamanha abundância decerto ia abandalhar o preço de venda. Era dos pobres, aquela colheita. Louvores ao Pai de todos, que do seu trono, lá de cima, tudo manda e tudo governa!

Há lá novidade que se compare ao vinho... Ou não fosse o vinho verdadeiro sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo!

O povo andou numa roda-viva por causa das vasilhas. Quem teve posses rogou tanoeiro e governou-se, os outros contentaram-se em atestar os poucos trastes de que dispunham. E uma vez cheio todo o vasilhame, próprio e de ocasião, franqueou-se o sumo restante a quem quis levá-lo.

O Leiras não possuía uma única videira, e por isso encontrava-se ainda menos apetrechado que qualquer outro. Tinha apenas duas cabaças, uma de meia canada, que só servira no baptizado do último filho, e outra de três quartilhos bem medidos. Era a mesma coisa que nada, caramba!

Mas não se atrapalhou. Encheu todos os potes e painéis que havia em casa, encheu o regador e o caneco, e por fim até a pia da burra levou vinho. Depois de bem lavadinha, que mais fazia ser da

burra ou não ser?

Ai uma pessoa não poder futurar, carago! Tinha mercado um pipote em segunda mão, era o que era. Ou mesmo dois. Então sim, era em cheio no vinte!

Que até cortava o coração ver o povo dar de graça tanta alma de vinho e um sujeito não descobrir onde o meter... Cortava o coração, porreta! Inda se fossem maçãs, ou pêras, ou qualquer outra coisa assim, vá que não vá, a gente não se arrepejava tanto, mas vinho... vinho das videiras... que faz um homem subir ao Céu em vida...! Era caso para um indivíduo dar em cismático, cáspite! Não, aquilo não podia ficar assim. Um homem não tem cabeça só pra cabelo e piolhos.

— A estas horas...!

— É verdade! — respondeu o Leiras com o assunto bem arrumado debaixo da língua. — Calhou passar por aqui, olhe, lembrei-me de lhe bater à porta, pra lhe pedir um favor, se puder ser.

— Possa eu, que não fica por servir.

— Creio que pode. Era o seguinte: Como vossemecê tem sempre muitos pipos da resina, vinha ver se me dispensava um ou dois, por empréstimo... Só até ao Entrudo.

— Bem, pipos tenho, realmente... mas fazem-me falta, pra despachar a resina, não é? A não ser que...

— Era só até ao Entrudo... E daí talvez que já pelo Natal lhos possa tornar. Como vê...

— Vontade de o *arremediar* tenho eu, mas se quer que lhe diga, os pipos nem me pertencem. Aí é que ela vai! São da Companhia que me merca a resina. Pois se fossem meus, bem estávamos nós. Não são, não. Pago o aluguer. E se não os despachar dentro de tal tempo, tenho de pagar depósito, também. Os tipos não andam pra se perderem...!

— E quanto custa esse aluguer?

— Isso depende... Se o material é novo, cobram mais, se...

— Sim, estou a perceber.

— De resto chegaram-me há dias alguns novinhos em folha, mas é como lhe digo... Pra que os quer vossemecê, pra vinho?

— São pra vinho, são. Ofereceram-me uma pinga dele e não tenho onde o meta. É um canudo...!

— Pois é. Estes que me vieram agora estavam mesmo a calhar pra isso. Com uma enxaguadela, e um cheiro de aguardente, serviam, isso serviam. Mas olhe, vamos fazer uma coisa! Não quero que vá desgovernado. Eu pago o aluguer dos pipos e vossemecê serve-se deles. E quando não lhe forem precisos, traz-mos. Mas depois enche-mos de resina, está bem? Dividimos os prejuízos a meias e não se fala mais no caso.

— Como lhos hei-de encher de resina, se não tenho pinheiros...?

— Não é isso! Mais lhe valia comprá-los já... Não. Trabalha pra mim até os atestar, compreende?

— Assim é outra conversa...

— Pois é. Vossemecê dá-me esses dias de trabalho e pronto. Repartimos o prejuízo, que mais quer que lhe faça?

Contrato feito!

Por voltas de ceia, guiando a burra pela arreata, que o caminho era de cabras, o Leiras palmilhou a distância até ao Oiteiro sem que o pensamento se lhe arredasse dos pipos, do vinho e do espiche zichando a qualquer hora do dia ou da noite, quando muito bem lhe apetecesse.

Grande borracheira!

Bêbedo onze dias seguidos já ele andara uma vez, por aposta, e não faltava quem tivesse no activo conta da mesma ordem, mas nove semanas a fio, de piela contínua, diária, isso era proeza sem igual nos anais do Oiteiro e redondezas.

O Fino por várias vezes tentou dar sumiço à zurrapa, mas o Leiras, sempre deitado à testa dos pipos, não se deixava burlar.

E quando o vapor lhe subia mais à tola, tinha ainda lucidez suficiente para trancar bem a porta por dentro.

Isto na primeira quinzena, porque mais tarde, já desconfiado dos propósitos do filho e da mulher, quando tal saía do cortelho e malhava a eito na família.

Um inferno!

De modos que a ti Leocádia não teve outro remédio senão pegar na troixa e acoitar-se com a filharada num palheiro que os Soutos fizeram favor e grande esmola de lhe ceder, até o homem dar conta do vinho todo dos pipotes.

Mas a ti Leocádia conhecia o marido como às mãos dela, e por isso lhe mandava diariamente um panelo de caldo. Ela lá tinha as suas razões. Contra a opinião do povo em peso, o Fino ia todos os dias aos Valados, de mando da mãe, para valer àquele desinfeliz.

— É um desinfeliz muito grande... — desculpava ela. — E o pior é depois de lhe passar o vinho... Nem quero lembrar-me do que vai ser quando lhe passar o vinho...! Vós dizeis bem, mas eu é que sei o que ele sofre quando cai em si... É capaz de dar cabo dele, desta vez...!

O Fino punha o caldo no chão, batia dois murros na porta e ó pernas para que vos quero! Só parava a meio dos Valados, à espera de ver o pai arrecadar a comida. Depois seguia então direito a casa, para contar à mãe.

[...]

A. Passos Coelho, *Gente da minha terra*. Edições Caramulo, 1960, pp. 137-141.

## O vinho

Naquele domingo, à tarde, o João da Mó não pôde sair de casa para se emborrachar na taberna como costumava. A mulher tinha-o fechado à chave e largara, com o xale preto no braço, lá para onde tinha determinado ir. Deixara-o adormecido como um prego no fundo de uma sesta dominical e fora à sua vida — aquela mulher ligeira e branca. Para onde tinha ido?

A primeira coisa que o João sentiu, quando acordou, foi sede. Tinha comido carne ao jantar, e não estava afeito. Aquecia-lhe o bucho. Precisava de água, mas, apetecia-lhe mais o vinho. Circunvagou os olhos pela quadra que lhe servia de quarto, sala de jantar, cozinha e tudo. Não vendo a mulher, pôs-se a berrar por ela com a voz mais seca do que palhas.

— Ó Ingelina! Ó Ingelina!

Os vizinhos de paredes meias ouviram-no e começaram-se a rir. Não só se riram como disseram bem alto:

— A Ingelina? Vai procurá-la aos Entre-Matos. Meteu para lá mais leve que uma levandisca. Vai ver se a atopas, João, e dá-lhe com o sacho. Mói-a bem moída!

Embora lhe falassem alto... Ele não ouvia. Só escutava os berros do bucho sequioso. Conversava com ele.

— Quero *binho*!

— Acomoda-te, que eu bem sei onde o há bô e barato.

Pensando em vinho, ergueu-se da cama em ceroulas e foi à porta espreitar, ver que a mulher não estivesse por lá no quelho de servidão entretida ao paleio sem fazer caso do chamo. Deu porém com o nariz na porta. Estava fechada. E a chave? Que é dela? O buraco reluzia como um rombo. A língua, grossa como dois dedos, parecia ter escrito: não sais.

— Não saio daqui hoje?, pensou o João a tremer e a choramingar. Saio...

Foi até à janela, subiu a guilhotina, debruçou-se no peitoril e berrou para a calçada:

— Ó Ingelina!

De tanto berrar, nas arestas da garganta seca, ficava-lhe a palavra cortada pelo rabo.

— Ó Ingeli!

Nada. Subiam e desciam a calçada os tímidos namoros, velhas que iam à bênção, lavradores graves, fidalgotes de colarinho branco, a gente do costume em tarde de domingo. Ninguém dava relação da Ingelina. Todos os transeuntes porém se riam à socapa dos berros do João. Riam e seguiam caminho. Alguns diziam baixinho:

— A Ingelina? Tenho-a aqui num bolso...

Outros, mais maliciosos, murmuravam:

— A Ingelina? Olha, vai perguntar ao Abana-Miols. Esse é que sabe onde a terá escondida a esta santa hora.

Até que passou na rua, subindo ou descendo, o homem mais alto da freguesia, o Trancão — homem que tinha o coração na boca.

— Vossemecê quer a sua Angelina? Venha cá fora procurá-la à rua. Venha cá fora, tio João. Vossemecê é um desgraçado.

— Como hei-de eu sair, meu amigo Trancão, se aquela mulher... fechou-me? Em dia tão claro, estou aqui mais negro do que essa *gurbata* que vossemecê traz ao pescoço por alma da sua mulher, meu amigo Trancão! A minha — ninguém o há-de *acuarditar* — fechou-me!

— Ah! isso tem remédio, meu homem! Deixe-se cair, que eu amparo-o... Graças a Deus, sou alto. Chego à sua janela. Ora, vá! Deixe-se cair. O que a sua mulher precisa é de uma grande coça. Vossemecê é um desgraçado. Deixe-se cair...

— Ó Ingelina! Ingelina! Anda cá, que até o Senhor Trancão tem pena de mim!

— Ora, vá, deixe-se cair!

— Ó Ingelina! Anda cá, que até o Senhor Trancão quer que eu caia em riba dele, em términos de o aleijar, Ingelina!

O Senhor Trancão desandou, rua abaixo ou rua acima, rilhando palavras duras a respeito do João e cuspiendo uma palavra aguda, em *u*, a respeito da Ingelina.

— Tens medo de a quebrar? Em breve te nascia outra!

— Meu amigo Trancão, muito *aguardecido*. Ó Ingelina.

Ia a tarde no fim. Do alto da janela à rua, pendiam os braços do João da Mó. Os braços e a língua... Sem forças para berrar, cuspinhava apenas, babava-se, choramingava, limpava os cantos dos olhos aos punhos da camisa. Como quem arranca a alma, vingava às vezes um murmúrio para um passante.

— Vossemecê *num biu* a minha Ingelina?

Ora lhe respondiam bem, ora lhe respondiam mal. Quem melhor o percebeu e lhe falou à letra, entrando-lhe no coração, foi o Chico pastor, homem baixinho, mas, esperto como um covil de raposas.

— Aposto que vossemecê, em toda a santa tarde, ainda não bebeu uma pinga!

— Ah! Chico! Tenho a língua assada! Se tu soubesses, Chico! Estou aqui fechado!

— Ah! Tio João! Deite-se daí abaixo. Caia nos bicos dos pés e agache-se... Dê ária ao corpo, olhe, faça como eu! Salte daí, que eu mato-lhe a sede.

O tio João vestiu as calças à pressa e saltou à rua com arte. De braço dado com o companheiro, entrou à taberna e embebedou-se de caixão à cova. Foi preciso levarem-no a casa à caldeirinha. Veio abrir-lhe a porta a Angelina, muito dissimulada. Vendo-o naquele estado, perguntou:

— Como foi que tu deste com a chave, filho? Como havias de tu dar com ela, se eu a tinha levado por esquecimento, filho?

Assoou-o como se ele fosse uma criança ranhosa. Meteu-o

à cama com muito carinho. Cantou-lhe, por cantar, que ele não precisava. Para continuar dormido como um prego, bastava-lhe o vinho. Só acordou segunda-feira à noite — já a mulher tinha ceado. Acordou com o barulho que ela fazia a lavar a loiça.

João de Araújo Correia, *Terra ingrata*. 3.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1985, pp. 21-24.

## O vinho

E, da parra espreitando o gesto insubmersível,  
dizemos nele haver indícios penitentes  
da líquida e casta sofreguidão. Impoluto,  
o vinho recompensa os horizontes, desfigura  
em tempo inverso da miséria o desconforto.

Eis do vinho

a breve e difusa tenção, o lento ardor.

Retirai do vinho o esquecimento —  
resta um pasmo acre e sem memória.

Retirai-lhe o sono e a viola — oh, não restará  
senão o impasse nu.

Não violeis jamais do vinho

a clara redenção. Respeitai sempre  
o purpúreo consolo que o habita.

E, se acaso

a terra trabalhais em água e dor,  
cultivai sempre o fruto incorruptível,  
o sonho trasfegado

em vossos lagares manipulai,

por forma a oferecer sempre aos transidos  
irmãos vossos

a vida re-habitada, o fresco e branco acto  
de beber.

A. M. Pires Cabral, *Algures a nordeste*. Macedo de Cavaleiros, 1974, p. 56.

## O vinho

Era no Agosto, à tardinha. O Abel descia aos bordos pelos montes da Borralheda abaixo, a falar sozinho:

— Sempre vais muito bêbado, Abel! Muito bêbado vais tu! Metes-te nele, bote lá mais um, Ti Margarida, bote lá mais um, pronto... Agora pareces um milhafre a peneirar. E c pior é o resto: chegas a casa e já sabes: ninguém a atura. «Olha em que estado vem este excomungado! Dinheiro para comprar os precisos, não há; mas para encher os cornos de vinho, que não falte!» Hã? É bonito, não é? Claro, dás-lhe a resposta que merece: «Cala-me essa boca, que já nem te enxergo bem, mulher! Deixa-te de cantigas, se não queres saber o gosto que o fado tem! Se bebo, bem haja eu. Quanto mais, que é que eu bebi?! Dois quartilhos. Olha a grande coisa!...» Fica danada, e continua a ladrar: «Se vês que não estás farto, eu vou-te buscar mais à venda!...»

Riu-se.

— Que me dizes à piada, Abel? Que me dizes? Aquilo é que é uma bisca!

Parou. Encostou-se a um pinheiro e abriu a braguilha. Ficou uns segundos calado, feliz, a sentir-se aliviado. De repente, alarmou-se:

— Estás-te a mijar, Abel! Estás-te a mijar pelas pernas abaixo.

Compôs-se.

— Assim, sim!

Ao som da urina a cair no chão, começou a cantar:

*Caninha verde,  
Ó minha verde caninha...*

Passou gente.

— Isso é que é boa disposição!  
— Regular. Emprenhei esta noite a patroa...  
Riu-se outra vez. Fechou a braguilha e continuou a cantar:

*Ó de encanar,  
Encanei para o teu peito,  
Quem me há-de de lá tirar?...*

Arrastado pelo ritmo da própria voz, pôs-se a dançar. Mas, apenas deu duas voltas, enrodilharam-se-lhe as pernas e estatelou-se.

— Eu bem te digo que vais muito bêbado! Não acreditas...  
Tentou levantar-se.

— Quê?! Não és capaz?! Essa agora!

Coçou a cabeça, num exame de consciência.

— É o vinho! É o ladrão do vinho. Não tenhas dúvidas.

Penitente, deu a mão à palmatória.

— Foi sempre o teu fraco, a pinguita!

Coçou de novo a cabeça.

— Sabe-te bem... E afogas as mágoas... Ela é que não vai em cantigas, e a estas horas já te rezou o responso. Por isso, trata de te erguer.

Nada.

— Ai-ai, ai-ai! Estás a desconversar!

Num pânico inconformado, apelou para os seus brios.

— Então que raio de coragem é essa, camarada? Se dás parte de fraco, deixas-me ficar mal!

Insuflado de energia, iniciou terceira tentativa:

— Upa! Arriba, burro velho, que é maré. Upa!

Estava já quase em pé, mas não se susteve e caiu. Zangou-se:

— Raios te partam e às pernas que tens! Podes ir à merda e mais elas!

Estendeu-se ao comprido no chão e deu um suspiro fundo, de bem-estar. Mas repreendeu-se logo.

— Sabia-te bem a coisa, não?! Isso sei eu! E depois? E lá em casa, a senhora D. Maria?

Apesar da advertência, deixou-se ficar de barriga para o ar, a olhar o céu. Dos lados da Delegada vinha nascendo a lua cheia. Avivou a atenção:

— Já viste, Abel? Já viste a lua? Ali, pedaço de asno! Mesmo em frente. Que grande lua! E corada, a figurona! Até parece que também lhe cascou...

Contente da chalaça, e de olhos muito arregalados, esqueceu-se do tempo, a namorar aquela congestão suspensa, espapaçado na doce almofada que era o caminho duro, ainda quente da torreira do dia. De repente, perguntou:

— Mas isto é vida, companheiro? Diz lá, francamente, se isto é vida?! Não é? Então, ala, toca a andar...

Depois dum grande esforço, conseguiu sentar-se.

— Ora vês?! A coisa vai. O que é preciso é calma.

Apesar das boas palavras da razão, o corpo não foi mais além.

— É o que eu digo: estás bêbado! Queres, mas não podes.

Abanou a cabeça, desiludido.

— Sempre cuidei que eras mais valente...

Compadecido daquela miséria, numa voz íntima, terna, de quem fala a um amigo, procurou tirar alento da força da própria realidade.

— Ouve. Bebeste, bebeste, pronto: deu-te na fraqueza. Está certo. Mas a verdade é que tens de voltar para casa. Por isso, o remédio agora é fazer das tripas coração...

Nem se mexeu.

— Mau! Temos o caldo entornado! Assim, não!

A ameaça de nada valeu. A lassidão que sentia era cada vez maior. E armou-se de paciência:

— Vá lá uma cigarrada, a ver se animas. Arranjas-me cada

sarilho! Não tens juízo... Depois dá este resultado.

Desenterrou do bolso do colete uma pirisca, acendeu-a e lançou para longe o fósforo de cera ainda a arder.

Com o peito cheio de fumo, consolado, voltou à carga:

— A sério, a sério, que não és capaz? Tens a certeza, Abel? A certeza certezinha?

O fósforo que atirara fora pegou fogo ao panasco seco do monte. Uma brisa ligeira que se levantara avivou a chama e pô-la a caminhar.

Conscienciosamente, alarmou-se:

— Vês? Vês o que fizeste? Agora não trates de apagar aquilo! Se te parecer, deixa queimar tudo!...

Disse, mas continuou como estava, a olhar uma touca de carqueja que começava a fumegar. Quando a labareda se abriu, excitou-se:

— Ó Abel! Ó meu badana! Levanta-te! Reage, alma do diabo!

Pois sim. Ficou no mesmo sítio, incapaz dum gesto.

Teve um rebate de sincera contrição:

— Não vales a ponta dum corno! Andas para aí a presumir, e não há pandilha maior nas redondezas. Com meia canada de tinto, estás como hás-de ir!

O incêndio, tocado pelo vento que crescia, lavrava já pelo monte a cabo.

— Olha que arde tudo, Abel. Se não lhe acodes, é um ar que lhe dá! A secura é muita... E és tu o único causador!

A lua, agora, vista através da borracheira e da sebe de lume, era uma brasa redonda. O Abel é que não se deixou corromper pela sugestão da imagem.

— Foste tu, não cuides lá! A lua está assim vermelha, mas não pega fogo ao mundo...

As labaredas não tinham parança. Sôfregas, corriam à porfia sobre o palhiço. Depois, lambido o chão, chegavam-se à casca dos pinheiros, agarravam-se a ela e trepavam pelos troncos acima como

cobras. No alto, na rama, era duma bocada só.

O Abel assistia impotente àquela fúria destruidora. E, embora os olhos já lhe doessem e sentisse uma parte de si responsável perante não sabia que justiça, admirou o espectáculo.

— Lá que é bonito, é, sim senhor. Linda coisa. Um arraial e pêras!

Quebrou o enlevo para limpar a alma de qualquer convência.

— É bonito, mas... Escusas de querer encobrir. Se alguém me perguntar, já sabes, digo a verdade.

Passou um coelho espavorido.

— Viste um coelho?! Aquilo é que levava uma pressa! Ia com o rabo quente!...

O incêndio cada vez era maior. Num tojal, as lambras pareciam cabras às turras. Anoitecera, e, à medida que se toldava a luz, avivava-se mais o brasido. Os olhos do borracho, que o vinho e o clarão cegavam, fechavam-se numa teima de cortinas insubmissas. Contudo, mesmo nessa escuridão dos sentidos, o coitado lutava ainda:

— Ó criatura de Deus, lembra-te de que tens responsabilidades... Que és um pai de família... Que contas há-de dar em casa, amanhã?

Os montes da Borralheda estavam agora transformados numa fornalha. A lua cheia, no céu, tinha uma cara larga, de abóbora iluminada por dentro.

Aos ouvidos do bêbado começaram a chegar, indistintos, sons tresmalhados. Prestou atenção. Eram gritos de gente que vinha acudir ao fogo. Ele é que infelizmente não podia fazer nada, por mais que quisesse...

Nisto, o estalo seco de uma corcódea a arder foi como um aguilhão que lhe espetassem. Sem consciência sequer do que fazia, num salto de mola, pôs-se em pé.

Esteve assim uns segundos, cego, pétreo, maciço, no limbo opaco do ser e do não ser. Por fim, num relâmpago de libertação,

abriu os olhos. O mar vermelho submergiu-o então como uma vaga. Deslumbrado, caiu redondo no chão.

Um sono fundo, pesado, começou a quebrá-lo todo. E daquela doçura que o invadia, uma célula só, fiel à dignidade da espécie, refilou ainda:

— Ao que chega um homem! É preciso não ter vergonha na cara... Ficar para aqui, num ermo destes, a dormir ao relento como um animal! E não cuides que é lá por causa dela que me incomodo. Que se lixe! É por ti, desgraçado...

Miguel Torga, *Contos*. 4.<sup>a</sup> edição conjunta. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005, pp. 197-202.

## O vinho nas aldeias

Terá perdido de moda, nas cidades, o pão e o azeite. Até o vinho terá perdido de moda em meios chiques, mas, tão chilros, que até em ágapes alegres o substituem por melancólicos sumos de banana e outros frutos anódinos.

Em região vinícola, o próprio camponês, querendo botar figura, substitui o vinho por cerveja. Lembra o novo-rico da última guerra, volframista de bolso quente, que substituía o pão de milho e de trigo por bolacha-maria e pão-de-ló.

É todavia excepção o camponês que substitui o belo vinho, o de Noé, por bebidas que lhe pareçam mais aristocráticas. O sangue de Cristo, como lhe chama, continua a regalar-lhe a goela. Aos domingos, então, parece não ter outro divertimento.

Em aldeias indemnes de futebol ou já aderentes ao futebol, o povo trabalhador bebe a rego cheio o vinho dominical. Cada paroquiano, em tardes de domingo, é um anacreonte inofensivo ou um borracho de perigosa colada.

Conta-se que o falecido Dr. Seabra, de Lamego, ao atravessar uma formosa aldeia duriense, ia morrendo às mãos de quatro bêbedos. Regressava à cidade a cavalo, conversando com as orelhas do bicho ou devaneando com as nuvens do céu. O médico, diga-se aqui, perdeu no cavalo um instrumento de poética pacificação. Hoje, com o automóvel, é a prosa e a pressa personificadas. Mas, deixemo-nos de filosofias... O Dr. Seabra atravessou, a cavalo, uma formosa aldeia duriense. E viu, à porta de uma taberna, um adjunto, donde saíam vozes de homem e gritos de mulher. Havia coisa... No meio do adjunto, caído por terra, havia um homem assassinado de fresco.

— Ora, ainda bem, que chega o senhor doutor. Ele é que vai aqui

dizer se é caso de morte ou de vida. Salte do burro, senhor doutor, e esculte bem esse homem.

— Está morto, disse o doutor depois de examinar o cadáver.

— Se está morto, dê-lhe vida — por isso é doutor. Se lha não der, fazemo-lo já em postas!

Na assembleia, tudo era vinho. Mas, numas cabeças mais e noutras menos. Foi o que valeu ao doutor. Salvaram-no as cabeças menos avinhadas.

Terras de vinho que sabe a xisto, vinho maduro, fazem correr sangue cristão em tardes de domingo. Em homens pacíficos, esse vinho bravo dá bebedeiras de caixão à cova. Há menino que nunca se vai deitar pelo seu pé. Levam-no em braços, entregam-no à patroa e dizem-lhe adeus até quarta-feira. São bebedeiras que levam a cozer quarenta e oito horas. Assim foram, na minha aldeia, as do tio Barrô e as do tio Vila Real, que já lá estão, em terras onde se não bebe.

Terras de vinho escandecente fazem do bebedor de boa índole um ser aborrecido, um repisador de palavras, salamaleques, juras e trejuras. Esse homem, proclamando-se bom aos quatro ventos, quer morrer por alguém. É o amigo do seu amigo. Oferece-se para o que for preciso. Vai chamar o médico, o padre e os bombeiros.

— Sou muito amigo dele, senhor doutor. Salve-mo! Dou o que tenho para o salvar, senhor doutor.

— Venha depressa, senhor abade. Venha ungir o Pais, que está com uma dor. Sou muito amigo dele. Se não vai para o céu, nem eu nem o senhor... desculpe! É que o Pais... é um homem de respeito. Só os óculos que ele põe para ler o jornal...

As aldeias durienses, em tardes dominicais, perdem a consciência. Consoante a conta do vinho, ficam excitadas ou marasmadas. À porta das tabernas, o juízo dos homens flutua entre o último copo e o azul do céu, que vai esmorecendo.

Há anos, num domingo, precisei de subir a uma freguesia serrana, dispersa entre castanheiros, terras de sementio, água a

rodos e vinha em ramadas. Sempre que lá vou, admiro estas belezas, que são novidade numa retina habituada a outra casta de paisagem.

Aquela freguesia, situada entre xisto e granito, é terra de vinho sossegado. Mas, bebe-o às levadas. Era cada domingo, é uma sopa abeberada de roxo.

Na dita freguesia, precisei de procurar, naquela tarde, o senhor Bento. Mas, não sabia, ao certo, onde morava. Perguntei.

A primeira pessoa interrogada foi um velho sileno, acorado debaixo de uma parreira, com uma infusa de barro vermelho ao alcance da mão. Levantou-se, começou a girar em volta do meu carro, agarrou-se ao debrum do tejadilho, conseguiu enfiar a cabeça num janelo e escutou.

— O Bento? O Bento? O Bento?

— Sim, o Bento...

— O Bento? O Bento? O Bento?

Não houve mais que Bento. Despedi. Lá adiante, debaixo de outra parreira, graciosa pestana de locanda, havia homens novos, todos vestidos de preto, com o fato do casamento — pensei. Todos de pé, bem assentes nas suas estacas, se tinham vinho, não era em quantidade que os fizesse tombar. Perguntei-lhes pelo senhor Bento.

— Ele não é Bento. É José Bento. E José Joaquim Bento. O senhor, querendo perguntar por ele, pergunta por José Joaquim Bento. Assim é que se pergunta. Mora no Picoto.

— Qual Picoto? No Picoto, mora o sobrinho, casado com a *Amarela*.

— Qual *Amarela*? O Bento não é Bento. É o *Poupinha*. Já lhe fica pra trás.

— Pra trás? O Bento, que este senhor procura, é o de Além. Tem de atravessar o pontelo.

— Qual pontelo? Diz ponte, que custou um dinheirão à Câmara. O Bento, que este senhor procura, mora aqui. Mas, não é Bento. Bento é o sogro.

Para evitar discussão parlamentar a respeito do sogro, piquei o automóvel até encontrar uma velhinha à porta dum casebre. Embrulhada no chale, via passar, diante dos olhos turvos, um resto de domingo. Ensinou-me, sem equívoco, onde morava o senhor Bento.

Conversei com ele sobre vários assuntos, nomeadamente o excesso de vinho em cabeças dominicais.

— Deixe lá, que tudo é consumo.

Assim objectou o senhor Bento, que é vinicultor, e não sabe, às vezes, se ficará com o vinho no tonel. Espera, em cada ano, uma *medida* que lho esvazie.

Concordei com o senhor Bento. Mas, fui-lhe dizendo que bom consumo seria o bem distribuído. Se muito vinho embrutece e pouco vinho faz bem, lucraria o comum se toda a gente bebesse com regularidade. Mas, se bebe o marido, não bebe a senhora. Se bebe o paisano, não bebe o soldado. Se bebe o homem livre, não bebe o homem preso. Se todo o mundo bebesse, seria mais sorridente a vida do vinicultor.

16-1-65

João de Araújo Correia, *Horas mortas*. Régua: Imprensa do Douro, 1968, pp. 11-15.

## [A cor do vinho]

— Foi num dia de festa de Grijó, assim já sobre a tardinha, depois do jogo da bola. Ajuntaram-se uns poucos e, vamos a minha casa, vamos à tua, lá andaram a correr as capelinhas todas, o costume, vá. Inté que chegou a vez do Ambrósio, que também andava na rusga. Atão empeçaram todos a apertar com ele, mais inté para o ouvirem, que já sabiam do que a casa gastava...

«— Agora vamos a tua casa, Ambrósio. Sempre lhe queremos ver a cor ao teu vinho!

«— Olha! A cor ao meu vinho?! É vermelho, que cor havia de ser? — dizia ele, a desconversar.

«Mas os outros, quem os aquietava?

«— Muito obrigado! Que é vermelho sabemos nós, mas é só de ouvir dizer. Queremo-lo ver, para não jurar falso. Vamos lá, carvalho! O pipó hoje tem de mostrar por onde meja!

«E tornava outro:

«— Se não nos dás do teu vinho, não és home nem és nada!

«O costume, nestes casos. O Ambrósio, coitado, bem coçava a cabeça com a mão ratada, como o tolo no meio da ponte. Pela dele, há que vidas estavam lá, na adegá. Mas a mulher, ele bem futurava que não havia de gostar da brincadeira, mesmo sendo dia de festa. Vamos que se punha de trombas, ou que dizia algum destempero, capaz disso era ela, que o deixasse envergonhado diante dos amigos, ou mesmo que os empontava porta fora?

«Pois bem. Estavam nisto, rompe a música a tocar no coreto. Ao Ambrósio pareceu-lhe aquilo a salvação e disse atão, a ver se os distraía:

«— Olhai, rapazes, hoje já se bebeu muito. Amanhã é outro dia. Agora vamos mas é a ouvir tocar a música. É a de Pevidém, toca bem

duma vez!

«Mas os outros mais se assanharam.

«— Vai àquela que não corre, tu e a música! A música temos tempo de a ouvir logo no arraial. Agora quer-se mas é vinho! Vinho, vinho!

«— Vamos, carvalho! — tornava outro. — Aqui o *Maneta* tem de pagar a patente. Ou cuidavas que era só beber do dos outros?

«— *Maneta*, vírgula! Tenho nome!

«Mas quem o ouvia? Já lá iam todos encaminhados para a casa do desinfeliz. Atão o Joaquim Ventura, que estava com pena dele, travou-lhe do braço e disse-lhe assim:

«— Home, não tens maneira de te safar sem borrar as ventas. Esta catrelfa não te perdoa. Vamos lá, dás-lhe um copo ou dois e algum presigo, cousa pouca, e pronto, já se calam. Tem de ser.

«— E a minha Isaura, carvalho?

«— Lá se há-de aquietar, e é se quer. Pois quem diabo manda em casa, tu ou ela? Onde canta galo não canta galinha!

«Quando o Ventura lhe puxou assim pelos brios, o Ambrósio, que trazia dois litros de vinho a choclejar no bucho, arresolveu-se. E inté teve este rompante:

«— Pois atão não é tarde nem é cedo! Vamos lá, carvalho! E carvalhos me recosam se não haveis de comer e beber à tripa forra!

«Que havia ele de fazer? Sim, ali não podia arrecuar, com penas de mangarem dele. Mais valia fazer das tripas coração e mostrar bizarria. Abriu atão a porta da adega e disse:

«— Entrai lá, rapazes! O presunto está ali dependurado. O pipó está além, a correia para tirar o vinho também. Os copos vêm já.

«Foi o que quiseram ouvir. Entraram, rapou cada qual de sua navalha e toca a tasquinhar no presunto, que por sinal já estava no pispérnio, que é sempre a parte mais cobiçada, por ser a mais saborosa.

— Mas é cozido com casulas secas — interrompe por fim o tio

João Vicente, que parece ser sensível apenas a questões de estômago.

— E cru? Botas-lho aos cães, se calhar...

«Segue-se que, bota e vira, e bota e vira, lasca daqui, febra de além, quando o Ambrósio apareceu com os copos, tinham-lhe o presunto derrotado.

«— Comer erva a um lameiro! — disse ele. — Mas não faz mal. Graças a Deus inda há lá em cima muito que comer.

«E voltou acima a buscar um naco de vitela que tinha sobrado do almoço da festa e que a Isaura estava a guardar para o dia seguinte. Quando o viu alquinar com a carne, a mulher, que já não tinha gostado de o ver levar os copos, retrauteou-lhe:

«— Para onde é que vai isso agora?

«— Nem pio! — regougou o Ambrósio, e tais olhos lhe botou que a Isaura se temeu e ficou-se.

«Na adega ia grande algazarra, que já tinha corrido mais vinho por aquelas goelas do que auga por debaixo da ponte da Fêteira. O Ambrósio, todo ancho e fiado que a mulher não tornava a levantar cabelo, apertava com todos, afoutava-os, que comessem e bebessem inté lhe chegar com um dedo. Às duas por três, estava tudo a cantar a caninha-verde, e faziam mais alarido do que cem galegos num palheiro.

«Segue-se que à Isaura lá lhe começou aquilo a cheirar mal. E bem decerto que o que é demais é moléstia. Há que vidas estaria aquela alma a ferver lá por dentro... De modo que, a dada altura, não teve mão em si que não berrasse, por um buraco que havia no soalho, lá para baixo para a adega:

«— Escoai-o!

«Queria ela dizer na sua que aqueles desalmados estavam irresolvidos a não arredar pé dali enquanto não vissem o fundo ao pipo.

«Aquilo foi como um raio que caísse na adega. Ficou tudo pasmado, a olhar uns para os outros. O Ambrósio pôs-se amarelo

como um pimpilro. Calou-se tudo. E, no silêncio que se fez, tornou ela, lá de cima, mais foute:

«— Vá, escoai-o bem escoado, carvalho! Não lhe deixeis raça! Corja de mamões!

«O Ambrósio não disse palavra. Pegou na correia de borracha por onde o vinho corria do pipo e assubiu à cozinha. Ao vê-lo levar a correia, todos julgaram que era para que não se bebesse mais. E só vieram a saber para o que era a correia quando rompeu grande rebuliço lá em cima, na cozinha, com as tripeças aos tombos pelo chão e a Isaura a berrar aqui d’el-rei. Assubiram atão as escadas a correr e foi um castigo para segurar o Ambrósio, que tinha dado uma seplina à mulher com a correia do pipo e inda estava filado nela, a espumar da boca, a jurar à fina força que lhe havia de tirar de vez o chiadouro com a faca de matar os porcos. Por fim, lá se ficou aos arrancos, espapaçado de riba do escano, e ali se dormiu inté ao dia seguinte.

A. M. Pires Cabral, “Escoai-o” in *O diabo veio ao enterro*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Âncora Editora, 2010, pp. 104-107.

## [O Beb'auga]

[...]

Hoje, tarde de domingo mornaceiro, a pedir que cada qual se debruce para dentro de si e cate seu piolho — maneira de dizer bote contas à vida ou cisme, muito chãmente, na morte da bezerra —, de súbito alvoroça-se o largo com bastas e tonitruantes carvalhadas. Que será, que não será, cedo entendem todos que o Carlos *Beb'auga* (alcunha dada por ironia, já que água é justamente talvez a única coisa que ele não bebe, antes tem dela um terror supersticioso, assim como de coisa capaz de causar tolhiços e engaranhos; e como, por outro lado, alguma coisa tem de beber aquela goela permanentemente sequiosa, vai-lhe cascando pelo dia fora no vinho como Santiago nos mouros e pela manhã, para mata-bicho, na aguardente puxada a figos secos), o Carlos *Beb'auga*, dizia eu, desmentiu uma vez mais a nomeada e encharcou-se do bom vinho da tasca do senhor Francisco Queijo, como é sacramental ao domingo, e, para castigar não se sabe que afronta do macho, quer à fina força zurzi-lo com um grosso fueiro que o diabo lhe deparou à mão. Coitado do macho! Não basta ter de lhe aturar com paciência maior que a de muitos santos de altar as maluqueiras e impertinências do dia-a-dia, e ainda há-de pagar agora, dia de guarda, alguma dentada furtiva que em má hora atiraria à rabeira da horta.

— Deixa lá o macho, home de Deus! — grita-lhe alguém, doído da cena.

— Deixo. Mas primeiro há-de me apalpar as unhas bem apalpadas — regouga, de voz entaramelada pelo álcool, o selvagem.

— E atão que mal é que te fez o animal? — quer outro saber.

— Ele bem sabe por que é que as leva...

E prossegue a acção punitiva. E — porque pegar na corda com

a mão esquerda e fustigá-lo com a direita não dá despacho, que o bicho furta-se quanto pode e o braço direito sozinho não tem força bastante para erguer o temeroso estadulho por forma a fazer mozza nos lombos da besta — o Carlos *Beb’auga*, depois de considerar a situação com toda a sisudez que o vinho lhe consente, resolve prender curto o macho à única tília do largo e, então sim, com os dois braços livres para manejar o porrete, descarrega no animal iras e agravos.

O macho, peado nos movimentos de defesa e quem sabe lá se malferido da injustiça, relincha e espuma da boca que é uma cortação. E aquela selvajaria acaba por causar engulhos a toda a gente, até que dois homens possantes, com risco de levarem também a sua ripeirada, logram retirar o *Beb’auga* dali à força, a espumar tanto como o próprio macho.

Boa, esta gente? Há bom e mau, como em toda a parte. Mas que a aldeia não é, nem de perto nem de longe, o paraíso terreal em que a gazela e o leopardo coabitam na paz do Senhor, isso não é. Há muito instinto cafreal mal vedado, que ao menor pé-de-vento se destapa e deixa à mostra o pecado original da barbárie.

De qualquer forma, no adjunto está tudo indignado com a cena.

— O lapardeiro! É mais irracional ele do que o macho.

— Não lhe dar o mal que deu às pitas...

— Bardino! Se bebesse menos e trabalhasse mais...

— Pois! — corrobora um quarto.

[...]

A. M. Pires Cabral, “A mana do padre” in *O diabo veio ao enterro*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Âncora Editora, 2010, pp. 145-146.

## Últimos cachos

Come pela última vez a minha carne, bebe  
o meu sangue. Que ele sacie a tua sede  
mais quente. Morde lentamente os últimos raios  
de sol sobre a encosta, sente na língua o vento  
de Espanha fustigando as varas, a explosão  
da Primavera nos gomos. Come desta carne,  
que é a do tempo, a ruína dos dias nos olhos  
dos homens, bebe a sede do último horizonte  
das abelhas naufragadas no mosto.

Mastiga suavemente a memória do avô,  
os olhos surpresos dos coelhos nas luras,  
as cotovias vigiando a poda  
em cima de prolixos cânticos. Come-me,  
come-te, até ao fim, nada de mim ou de ti  
dês de mão beijada à terra. O que sobejar  
do nosso corpo que caia a pique no céu  
para que as águias enterrem devagar  
as suas garras em nossas almas.

Fernando de Castro Branco, *A carvão*. Maia: Cosmorama Edições, 2009, p. 231.

## Douro I

Um socalco  
dois socalcos três socalcos  
uma videira duas videiras três videiras quatro videiras  
um cacho dois cachos três cachos quatro cachos  
cinco cachos  
um bago dois bagos três bagos quatro bagos cinco bagos  
seis bagos  
uma adega duas adegas três adegas  
uma pipa duas pipas três pipas  
um homem dois homens três homens  
uma ânsia duas alegrias três desesperos quatro cansaços  
suores dores lágrimas  
uma esperança  
um sorriso  
um hino  
um ah!  
um rio  
Douro.

Joaquim Ribeiro Aires, *Canto transmontano*. Vila Real: Livros Rosmaninho, 1998, p. 64.





# Índice

<i>Palavras prévias</i> . . . . .	5
LABOR IMPROBUS	
[O corte], <i>Pina de Moraes</i> . . . . .	9
[A enxertia], <i>Sousa Costa</i> . . . . .	11
A videira, <i>António Cabral</i> . . . . .	12
Cantemos este dia de trabalho, <i>António Cabral</i> . . . . .	13
As cavas, <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	15
[A poda], <i>Guedes de Amorim</i> . . . . .	17
As vindimas, <i>Fausto Guedes Teixeira</i> . . . . .	18
[Vindima], <i>Mário Bernardes Pereira</i> . . . . .	22
A vindima, <i>Miguel Torga</i> . . . . .	25
Uma vindima, <i>António Cabral</i> . . . . .	30
[Vindima], <i>Ernesto Rodrigues</i> . . . . .	31
Vindima no Douro, <i>António Fortuna</i> . . . . .	33
[Lagarada], <i>Sousa Costa</i> . . . . .	35
[A lagarada], <i>Miguel Torga</i> . . . . .	37
A lagareta, <i>Guedes de Amorim</i> . . . . .	38
A quinta do senhor Smith, <i>António Cabral</i> . . . . .	42
[Escravidão], <i>Mário Bernardes Pereira</i> . . . . .	44
[Pobre jornaleiro], <i>Mário Bernardes Pereira</i> . . . . .	45
Um homem e a sua vinha, <i>Camilo de Araújo Correia</i> . . . . .	49
Meu pai, um como tantos, <i>António Cabral</i> . . . . .	52
Podadores de S. Martinho, <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	53
Carreiros, <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	56
[As rogas], <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	59
[A roga], <i>Miguel Torga</i> . . . . .	61
[A roga], <i>António Cabral</i> . . . . .	63
[Inverno], <i>Pina de Moraes</i> . . . . .	65

[Trovoada], <i>Miguel Torga</i> . . . . .	67
[A filoxera], <i>Sousa Costa</i> . . . . .	68
Filoxera, <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	70
Mortórios, <i>A. M. Pires Cabral</i> . . . . .	73
[Feira dos cartões], <i>Modesto Navarro</i> . . . . .	74
[Outros tempos], <i>Ernesto Rodrigues</i> . . . . .	75
Guarda nocturno, <i>Fernando de Castro Branco</i> . . . . .	77
NUNC EST BIBENDUM	
Ode a Baco, <i>Miguel Torga</i> . . . . .	81
[Vinho bebas], <i>A. M. Pires Cabral</i> . . . . .	83
Com toda a franqueza, <i>Camilo de Araújo Correia</i> . . . . .	85
[Lenha a estalar e um copo de vinho tinto], <i>Ernesto Rodrigues</i> . . . . .	88
A sesta do senhor abade (excerto), <i>Guerra Junqueiro</i> . . . . .	90
De borco (excerto), <i>José de Aguiar</i> . . . . .	91
S. Martinho, <i>José Eduardo Rodrigues</i> . . . . .	95
O Leiras (excerto), <i>A. Passos Coelho</i> . . . . .	98
O vinho, <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	102
O vinho, <i>A. M. Pires Cabral</i> . . . . .	106
O vinho, <i>Miguel Torga</i> . . . . .	107
O vinho nas aldeias, <i>João de Araújo Correia</i> . . . . .	113
[A cor do vinho], <i>A. M. Pires Cabral</i> . . . . .	117
[O Beb'auga], <i>A. M. Pires Cabral</i> . . . . .	121
Últimos cachos, <i>Fernando de Castro Branco</i> . . . . .	123
Douro I, <i>Joaquim Ribeiro Aires</i> . . . . .	124